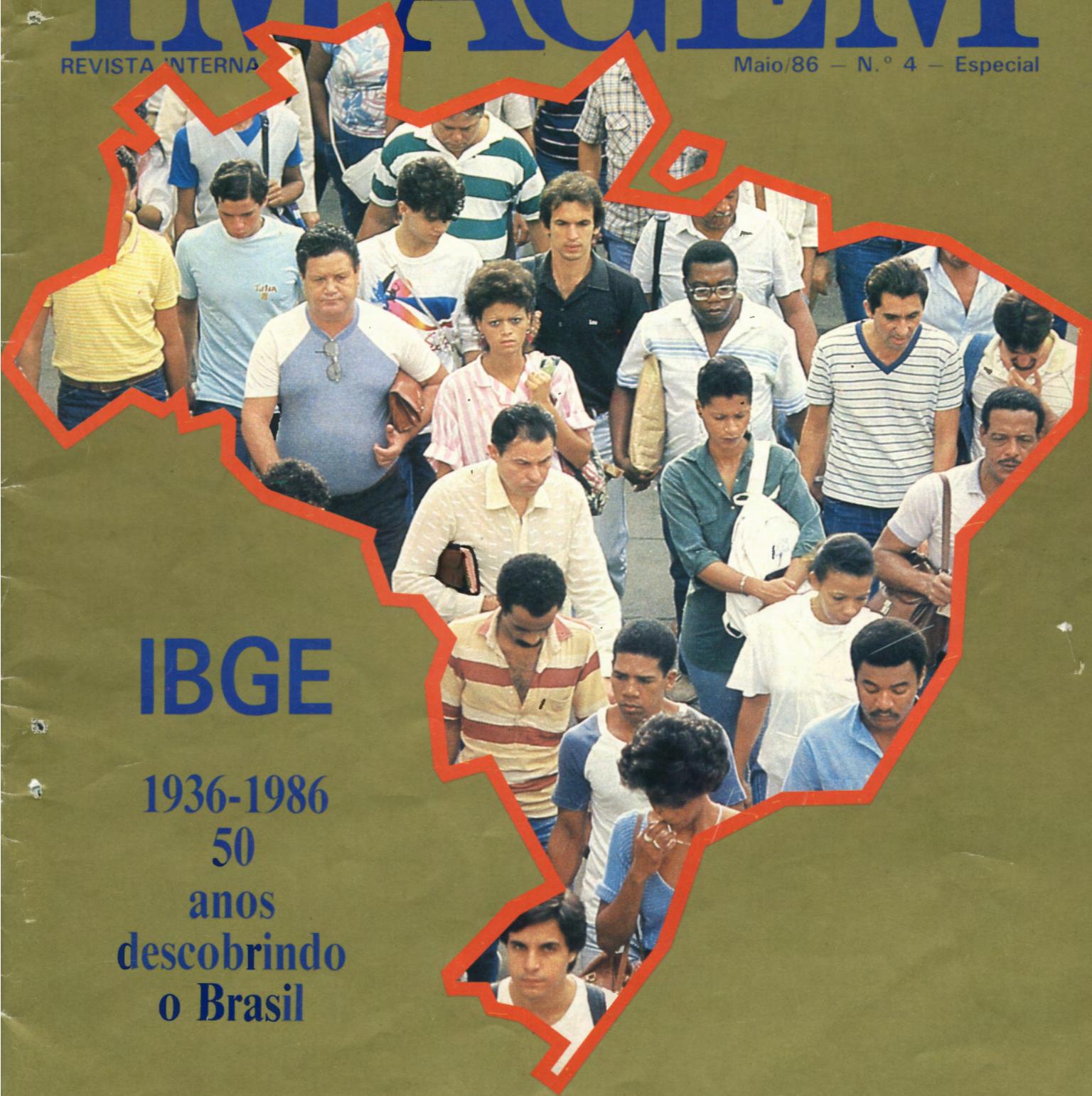


NOVA

# IMAGEM

REVISTA INTERNA

Maio/86 — N.º 4 — Especial



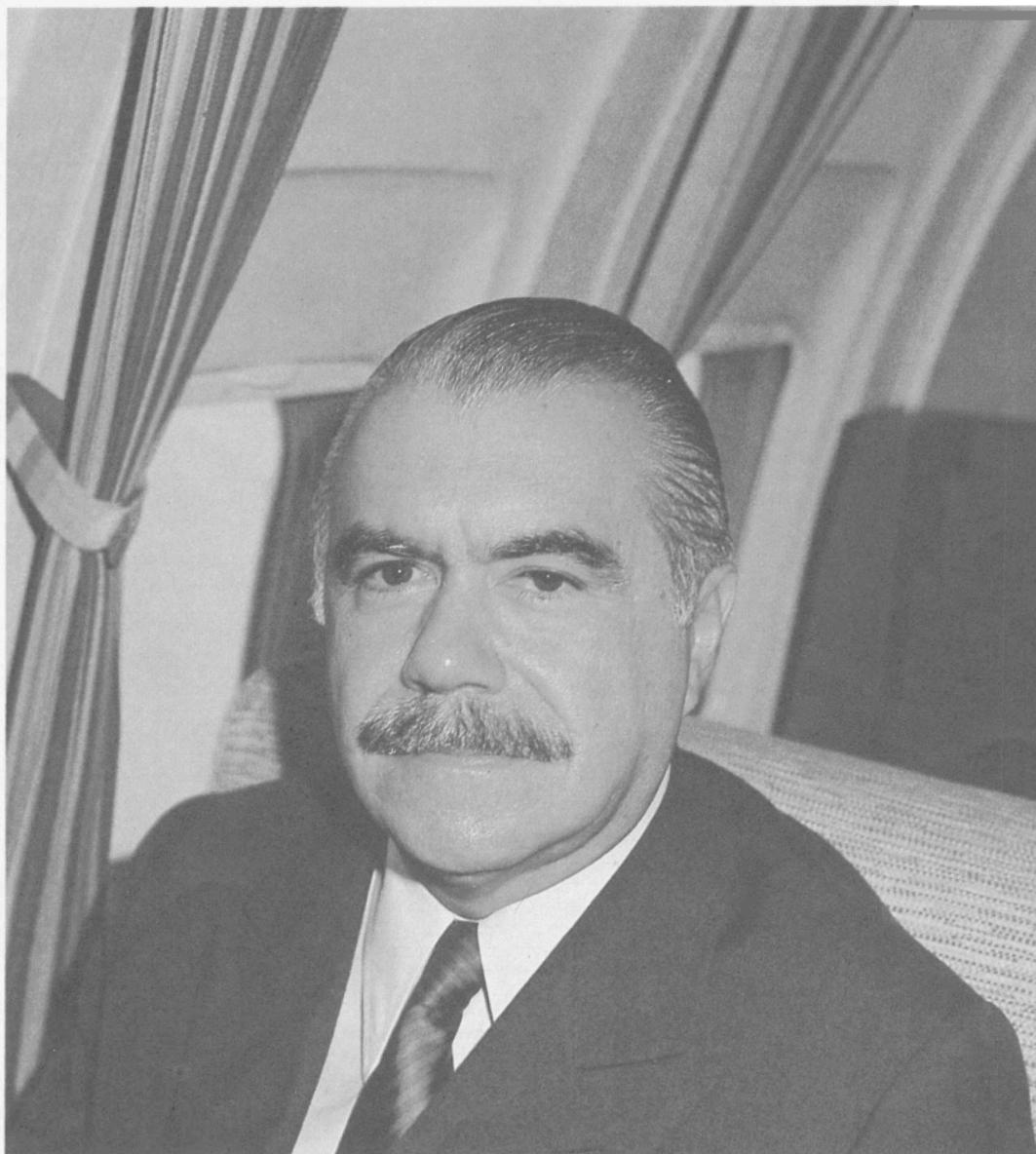
## IBGE

1936-1986

50

anos

descobrimo  
o Brasil



*“Aos dirigentes, funcionários e colaboradores do IBGE, meus cumprimentos e minha certeza de que saberão honrar os ideais que lançaram as primeiras sementes dessa Instituição há meio século”*

**Mensagem do Exmo. Sr. Presidente da  
República, Dr. JOSÉ SARNEY**



Há 50 anos o IBGE estuda o povo brasileiro — tema da capa deste número especial. A foto é de Cristina Zappa.

SECRETARIA DE PLANEJAMENTO  
DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA



FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO  
DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE

**Presidente:** Edmar Lisboa Bacha. **Diretor-Geral:** Regis Bonelli. **Diretor de População e Social:** Cláudio Leopoldo Salm. **Diretor de Economia:** Eduardo Augusto de Almeida Guimarães. **Diretor de Agropecuária, Recursos Naturais e Geografia:** Charles Curt Mueller. **Diretor de Geodésia e Cartografia:** Mauro Pereira de Mello. **Diretor de Administração:** Alexandre de Amaral Rezende. **Diretor de Formação e Aperfeiçoamento de Pessoal:** Suzana Pinheiro Machado Mueller. **Diretor de Informática:** Mário Aloysio Telles Ribeiro.

## NOVA IMAGEM

MAIO DE 1986 — N.º 4

**Supervisor editorial:** Irineu Guimarães (Superintendente do Centro Editorial/CEDIT). **Diretora-editora responsável:** Lena Frias. **Reportagem e redação:** Eliane Antas, Glória Maria Quintia, Sheila Riera, Vera Vidal. **Colaboradores desta edição:** Jeanine Salvaterra, Cristina Zappa e Paulo Villas Boas. **Programação gráfico-editorial:** João Octávio Facundo Bezerra (responsável), Antonio Carvalho da Silva, Benedicto Pereira da Silva, Carlos Alberto Passos Cabral, Onaldo Pedro Merísio, Paulo Tavares da Silva, Tereza Regina Piedras Lopes e Wilton de Almeida Tavares. **Secretária administrativa:** Mariângela Moura. **Assessor de Propaganda e Relações Públicas da Presidência:** Antônio Penteado. **Tiragem:** 30.000 exemplares. **Circulação:** Departamento de Distribuição (DEDIS). **Fotocomposição e impressão:** Centro de Serviços Gráficos do IBGE (SERGRAF).

NOVA IMAGEM, maio/1986

## Sumário

<b>O Presidente da República e o Ministro do Planejamento saúdam o IBGE</b> .....	Págs. 3 e 6
<b>Documento de fundação</b> .....	Pág. 5
<b>Descobrimdo e mapeando cada canto do Brasil</b> — A Cartografia do IBGE está entre as melhores .....	Pág. 7
<b>Demografia</b> — Um álbum de família da população nacional .....	Pág. 10
<b>Carimbo de aniversário</b> — Continuamos a publicar as marcas do Cinquentenário .....	Pág. 13
<b>Painel</b> — Relembre alguns acontecimentos marcantes em cinco décadas de IBGE .....	Pág. 14
<b>Os pais fundadores</b> — Uma homenagem àqueles que sonharam, idealizaram e implantaram a Instituição .....	Pág. 17
<b>A misteriosa sedução do mundo de Percy Lau</b> — Barboza Leite, um artista, fala sobre outro grande artista .....	Pág. 18
<b>Instantâneos brasileiros em preto e branco</b> — Documentos fotográficos do Memória contam um pouco da vida brasileira .....	Pág. 20
<b>Agente em campo</b> — Eles vêem tudo, anotam tudo e são a origem de todos os dados .....	Pág. 22
<b>Saudações pelo Jubileu</b> .....	Pág. 25
<b>Transparência</b> — O Presidente do IBGE define o papel da Instituição nos dias de hoje .....	Pág. 26
<b>O IBGE à procura do seu historiador</b> — Cinquenta anos depois ainda está aberta a sedutora tarefa: quem se habilita a escrever a história da Casa? .....	Pág. 27
<b>O homem como centro das atenções</b> — Um brilhante estudo teórico sobre Geografia .....	Pág. 30
<b>Quem não gosta de samba</b> — A turma relaxa e revela onde vai se divertir .....	Pág. 34
<b>Nossa presença nos estados</b> — A atuação do IBGE nas Delegacias Regionais, por todo o País .....	Pág. 36
<b>Estatística, dados para o Brasil que a gente quer</b> — A qualidade das pesquisas permite um conhecimento cada vez mais exato da realidade .....	Pág. 39
<b>Seu Edegar, o número um</b> — Nós localizamos e entrevistamos o primeiro funcionário contratado pelo IBGE .....	Pág. 42
<b>Ela, a mais velha; ele, o mais jovem</b> — Quando dois personagens de tempos diferentes se encontram .....	Pág. 43
<b>Isaac Kerstenetzky: um mestre que vê longe e grande</b> .....	Pág. 44
<b>Flagrantes da Casa e das gentes</b> — As objetivas dos fotógrafos fixam momentos curiosos .....	Pág. 46
<b>Canção do Ibgeano</b> .....	Pág. 50

### Conversa com o leitor

*Este é um número muito especial da nossa revista, destinado a marcar a passagem do Cinquentenário da Instituição. Foge, portanto, às características a que o leitor já se estaria habituando. Um número de homenagens aos antigos e aos novos, em que se procura lembrar e estimular nosso espírito de corps, o espírito ibgeano, forjado nas pesquisas e coletas a que se dedica o IBGE, na tentativa de retratar o mais fielmente possível a nossa realidade. Em cinquenta anos nós nos tornamos o mais completo banco de dados sobre o Brasil. Para tanto foi preciso somar muitos esforços, ir a campo, buscar as veias onde o Brasil pulsava. Chamamos à atenção para a história do IBGE, que começa na página 27, a narrativa da nossa epopéia. E também para os artigos que abordam as diferentes linhas de atividades e pesquisas do IBGE. São documentos da mais alta qualidade.*

*Podem muito bem servir de apoio e referência para qualquer estudo sério, seja de Geografia, Demografia, Estatística, Geodésia ou Cartografia.*

*Cinquenta anos de IBGE, que NOVA IMAGEM procurou refletir nas suas páginas. Para que você, caro colega ibgeano, possa guardar consigo um documento da sua própria história.*

*Regis Bonelli*



# Documento de fundação do IBGE

*Térmo de promessa que fez o  
Doutor José Carlos de Macedo Soares,  
ao tomar posse do cargo de  
Presidente do Instituto Nacional  
de Estatística*

*Los vinte e nove dias do mez de Maio de anno  
de mil novecentos e trinta e seis, no Palacio do Cat-  
tete, ao ser installado o Instituto Nacional de Estatística,  
o Excellentissimo Senhor Doutor Getúlio Vargas, Presidente da  
Republica, abaixo assignado, recebeu de D. José Carlos de Mac-  
do Soares designado, por Decreto de dezanove de julho de mil  
novecentos e trinta e seis, para exercer, interinamente,  
as funções de Presidente do Instituto Nacional de Esta-  
tística, a promessa de bem servir ao referido cargo.*

*E como acima foi sollemnemente praticado, manda  
o Excellentissimo Senhor Presidente da Republica lavrar  
o presente termo que assigna como nomeado.*

*Palacio do Cattete, em vinte e nove de Maio de mil  
novecentos e trinta e seis.*

*Getúlio Vargas  
Presidente da Republica  
Chargue do Catete.  
Antonio Carlos  
Henrique A. Brito  
Olympio de Mello.*

# HOMENAGEM DO MINISTRO JOÃO SAYAD

André Dusek/Agência AGIL

*S*into-me feliz por render aqui minha homenagem aos ibgeanos de todo o Brasil na data deste Cinquentenário. O IBGE nasceu à sombra da Presidência da República. A primeira sede da Instituição foi uma sala da Secretaria do Palácio do Catete no Rio de Janeiro.

Cinquenta anos depois, o IBGE continua ligado à Secretaria Especial do Planejamento, cumprindo a missão que lhe foi destinada pela História: levantar todas as informações essenciais para o conhecimento da realidade nacional e fornecer elementos básicos para uma política racional de planejamento.

Uma análise retrospectiva séria da atuação do IBGE ao longo destes cinquenta anos põe logo à mostra a dívida que o País contraiu para com a Instituição. Basta lembrar a massa de trabalho que representam os grandes recenseamentos nacio-



nais, os censos econômicos, as pesquisas modernas que permitem aos analistas definições mais exatas de certas estruturas e comportamentos. Foi graças a este esforço gigantesco que o Brasil pôde tomar consciência de sua própria realidade e de suas potencialidades. E aqui vale ressaltar que este esforço não enaltece apenas técnicos e cientistas de disciplinas específicas, mas todos os servidores do IBGE em seu conjunto, desde o

coletador de dados no campo até os mais humildes datilógrafos e diagramadores. É por isso que faço questão de dirigir a homenagem da Secretaria de Planejamento do Governo a todos os membros da comunidade ibgeana.

As conquistas destes primeiros cinquenta anos justificam plenamente as esperanças que depositamos no IBGE de amanhã, Neste momento em que despontam para o Brasil novos horizontes, em que o País se descobre plenamente capaz de desempenhos fantásticos na tarefa de promoção integral de seus habitantes, a comunidade nacional tem todos os motivos para prestar esta homenagem que é ao mesmo tempo reconhecimento e cobrança: IBGE do presente só será digno de seu próprio passado à medida que estiver à frente da História, na fronteira do futuro.

O conhecimento do território nacional vai se tornando cada vez mais preciso e sofisticado. A GEODÉSIA e a CARTOGRAFIA do IBGE estão entre as melhores do mundo

# Descobrimo e mapeando cada canto do País

Mauro Pereira de Mello  
Diretor da DGC

Os historiadores apontam as guerras napoleônicas como balizadoras do processo evolutivo das tecnologias geodésicas e cartográficas. Para estes estudiosos, o sucesso das campanhas militares, então empreendidas, deveu-se, em grande parte, à disponibilidade de documentos cartográficos que permitiram a visão adequada do terreno e a análise das correlações existentes entre os fatos naturais e sociais, nas áreas em disputa.

A partir de então a Cartografia deixou de ser preocupação de algumas poucas instituições acadêmicas.

Os cartógrafos passaram a ser algo mais que meros ilustradores e desenhistas. Ganhou corpo a valorização dos mapas como elementos imprescindíveis à correta ordenação social, enquanto instrumentos para o planejamento da atuação dos organismos públicos. A Cartografia passou a receber enfoque nacional e a ser um problema de governo.

No Brasil, as preocupações com o mapeamento do espaço territorial ganharam destaque ao final do século passado, no Segundo Império, com a criação da Comissão Geral da Carta do Império, subordinada ao Estado-Maior do Exército. Modelo administrativo calcado na cultura francesa, predominante na época.

O acervo de trabalhos recebidos pela República foi inexpressivo. Os resultados da atuação no Segundo Im-

Primeiro mapa do Brasil, editado pelo IBGE em 1940.



pério se limitaram a levantamentos geodésicos esparsos, nas fronteiras do Rio Grande do Sul com o Uruguai. No início do século vinte, foi criada a Comissão da Carta Geral do Brasil que, à semelhança do modelo imperial, foi subordinada ao Estado-Maior do Exército.

A Revolução de 1930, com o redirecionamento do desenvolvimento nacional, encontrou um País desconhecido, do ponto de vista cartográfico. Os documentos então disponíveis eram de baixa qualidade e correspondiam a esforços isolados de alguns estados como São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. A Comissão da Carta Geral do Brasil, transformada em Serviço Geográfico do Exército, atuava no Rio Grande do Sul, concentrando-se na implantação de uma rede geodésica planimétrica (triangulação) e uma altimétrica (nivelemento geométrico), sem possibilidade de estender suas atividades para outras áreas do País.

O único documento cartográfico que representava o espaço territorial brasileiro de forma contínua e homogênea tinha sido elaborado pelo Clube de Engenharia, por ocasião das comemorações do centenário da Independência. Este documento era constituído por um conjunto de folhas articuladas, na escala 1:1.000.000, e denominado Carta do Brasil ao Milionésimo. A documentação apresentava imperfeições acentuadas, em decorrência do processo de compilação calcado em documentos das mais diferentes origens e de qualidade duvidosa. Era o que se podia realizar.

A situação das Estatísticas no País, na mesma ocasião, não se apresentava melhor. Desde a criação da Diretoria Geral de Estatística, em 1872, buscava-se o estabelecimento de um Sistema Estatístico Nacional atuante e capaz de proceder aos levantamentos necessários à descrição da vida brasileira.

Entre as dificuldades encontradas pelo Sistema Estatístico para realizar suas aspirações, certamente a carência de documentos cartográficos confiáveis era uma das mais críticas. Em 1932, o Dr. Teixeira de Freitas, atendendo a solicitações do Ministério da Educação, apresentou um anteproje-

to de lei, para a "ordenação dos Serviços de Estatísticas no País". Entre as premissas básicas desse anteprojeto se destacavam:

— A aproximação e a congregação dos Serviços de Estatísticas e Cartografia;

— A federalização dos serviços estatísticos brasileiros em um sistema *sui generis* — o Instituto Nacional de Estatística e Cartografia;...

---

## NA LETRA DA LEI

---

A criação do Instituto Nacional de Estatística, em 1934, deflagrou o processo de fusão das atividades estatísticas e cartográficas, a partir do reconhecimento de que, sem uma documentação cartográfica adequada, os levantamentos estatísticos estariam fadados ao insucesso. Destarte, em 1936, com a instalação da Convenção Nacional de Estatística, preocupou-se o legislador em caracterizar a importância da Cartografia para os trabalhos estatísticos, prevendo, na Cláusula 13.<sup>a</sup> do Capítulo III da Convenção — regulada pelo Decreto n.º 1.022, de 11 de agosto de 1936 —, "a centralização, para fins de síntese nacional, na Diretoria de Estatística da Produção, do Ministério da Agricultura, dos trabalhos de Cartografia Geográfica necessários à Estatística".

Outro passo decisivo foi dado em 1937, quando da instituição do Conselho Brasileiro de Geografia, através do Decreto n.º 1.527, de 24.03.1937. Em janeiro do ano seguinte, através do Decreto n.º 218, o Instituto Nacional de Estatística e o Conselho Brasileiro de Geografia foram incorporados ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, com os nomes de Conselho Nacional de Geografia e Conselho Nacional de Estatística.

Através do Decreto n.º 237, de 02.02.1938, foram estabelecidas as normas para a realização do Recenseamento Geral de 1940, atribuindo-se ao Conselho Nacional de Geografia a tarefa de atualização da Carta do Brasil ao Milionésimo, de 1922, com o objetivo de apoiar os levantamentos estatísticos que teriam lugar em 1940.

Os trabalhos foram iniciados a partir da compilação dos documentos cartográficos então existentes, oriundos de órgãos estaduais e do Serviço Geográfico do Exército. A documentação mostrou-se deficiente; inúmeras cidades e vilas não apresentavam suas posições geográficas (latitude e longitude) conhecidas. Na tentativa de solucionar esse problema, foram lançadas campanhas de observações astronômicas, buscando-se a "Determinação das Coordenadas das Cidades e Vilas". Este projeto representava a primeira incursão do IBGE no campo da Geodésia.

Outra determinação, expressa no Decreto n.º 237, dizia respeito à elaboração do Atlas Estatístico Cartográfico, a ser constituído por uma coleção de mapas dos municípios brasileiros.

Os compromissos assumidos pelo IBGE conduziram à emissão de Resoluções da Assembléia-Geral do Conselho Nacional de Estatística, que acabaram obrigando os municípios a apresentarem os mapas de seus territórios ao Conselho Nacional de Geografia.

Em 1940, pela primeira vez na história da Estatística brasileira, o Censo pôde apresentar a coleta e as tabulações referidas a uma base cartográfica sistematizada, pelo menos quanto às categorias administrativas: Municipais e Distritais — Cidades e Vilas. É evidente que as deficiências da documentação cartográfica não podiam ficar solucionadas em tão pouco tempo. Mas, assim mesmo, aquele momento representou um marco decisivo para a Cartografia nacional. Era a primeira vez que, com enfoque sistêmico e extensão nacional, se equacionava o problema cartográfico, e resultados foram atingidos, demonstrando que a perseverança, a motivação por algo maior e a canalização adequada de recursos humanos e financeiros poderiam dar respostas eficazes para o conhecimento do espaço territorial brasileiro.

Os acontecimentos vinculados à II Grande Guerra, na década de quarenta, começaram a exigir documentação cartográfica de qualidade no protuberante nordestino, para onde se dirigiram os esforços do Serviço

Geográfico do Exército, com a elaboração das folhas da carta topográfica na escala 1:100.000.

A experiência acumulada pelo IBGE e a continuidade dos trabalhos após o Recenseamento Geral de 1940 não foram abandonadas. Em 1944, através do Decreto-Lei n.º 6.826, foi criado o Serviço de Geografia e Cartografia, como órgão central do Conselho Nacional de Geografia, sendo-lhe atribuída a execução de trabalhos geográficos, cartográficos e fotogramétricos, na busca da representação adequada do território. Com o País imerso no conflito mundial, reconhecia-se a importância da Cartografia para toda a administração pública, e o IBGE era convocado a contribuir para o processo de modernização da sociedade brasileira.

Em maio de 1944, o IBGE iniciava o estabelecimento do Sistema Geodésico Brasileiro, orientado por enfoque sistêmico, com a medição da base de Goiânia. No mês seguinte foram iniciados os trabalhos de medição angular.

Em agosto de 1945, procedeu-se às primeiras observações astronômicas de primeira ordem e, em outubro, teve início a atividade de nivelamento geométrico, ponto inicial da rede altimétrica que integra o Sistema Geodésico Brasileiro.

Em 1946, começaram os trabalhos de mapeamento em escala topográfica (1:250.000), no Vale do Rio São Francisco, em território da Bahia.

O envolvimento do IBGE nas atividades de Geodésia e Cartografia encontrou dificuldades, entre as quais a principal foi o recrutamento de pessoal especializado. A campanha de coordenadas iniciada em 1938 pôde ser realizada graças ao esforço do Engenheiro e eminente Astrônomo Allyrio Hugney de Mattos, então Professor-Catedrático da Escola Nacional de Engenharia e Astrônomo do Observatório Nacional do Rio de Janeiro. A visão do Professor Allyrio permitiu a formação de um quadro de pessoal, inicialmente recrutado junto aos governos estaduais, em que se destacou o Engenheiro Dalmy Alves Rodrigues de Souza, de Minas Gerais. Ao valor individual dos dois engenheiros muito deve o trabalho geodésico no Brasil.

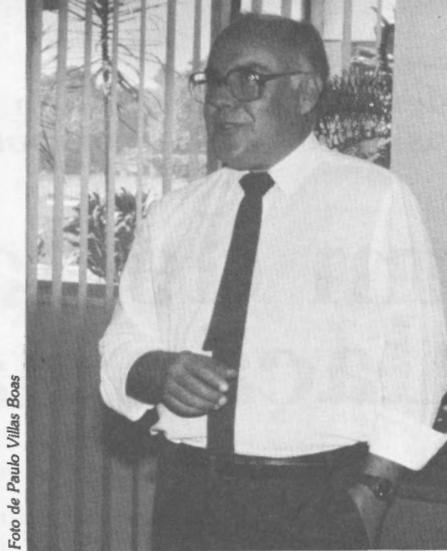


Foto de Paulo Villas Boas

Mauro Mello: "Tradição e seriedade na atuação do IBGE".

O crescimento da atuação do IBGE, em campos antes reservados ao Serviço Geográfico do Exército, não se deu sem conflitos entre as instituições, o que pode ser considerado salutar pelos frutos que daí decorreram. Em 1946, baixa o Governo Federal o Decreto-Lei n.º 9.210, que disciplinou e normatizou a atuação dos órgãos federais nos campos da Geodésia e da Cartografia. Ao IBGE foram incumbidas as atribuições normativas para os documentos em escala inferior a 1:250.000 e o estabelecimento do Sistema Geodésico Brasileiro.

A consolidação da Geodésia e da Cartografia teve de superar dificuldades de origem as mais diversas, principalmente as relativas a recursos humanos e financeiros. A excelência e a eficácia que sempre caracterizaram os documentos cartográficos elaborados pelo IBGE acabaram no entanto impondo o reconhecimento de todos os segmentos da Nação.

## FASE DE MODERNIZAÇÃO

Os primeiros anos da década de sessenta assinalam a modernização da Geodésia e da Cartografia do IBGE. Estrutura-se e consolida-se a linha de instrumentos fotogramétricos e, em consequência, inicia-se a produção de folhas da carta de 1:100.000 e 1:50.000, até então não trabalhadas pela Instituição.

A motivação principal para o engajamento do IBGE em tais atividades se deu com a disponibilidade de fotografias aéreas, na escala 1:60.000,

obtidas pela "United States Air Force — USAF", em convênio com o Governo brasileiro, ao abrigo do Acordo Cartográfico Brasil-Estados Unidos, firmado e aprovado pelo Congresso Nacional em 1962.

Com a passagem do IBGE para o regime de Fundação, através da Lei n.º 5.878, de 11.05.1973, a Geodésia e a Cartografia ganharam novas dimensões. O art. 2.º da lei garantia a real dimensão dessas áreas na enunciação dos objetivos da Fundação.

"Constitui objetivo básico do IBGE assegurar a produção e a análise de informações estatísticas, geográficas, cartográficas, geodésicas, demográficas, sócio-econômicas, de recursos naturais e de condições do meio ambiente, inclusive poluição, necessárias ao conhecimento da realidade física, econômica e social do País, em seus aspectos considerados essenciais ao planejamento econômico e social e à segurança nacional."

O Decreto-Lei n.º 74.084, de 20.05.1974, que instituiu o Plano Geral de Informações Estatísticas e Geográficas, veio explicitar, de maneira extremamente detalhada, a atuação do IBGE nas áreas de Geodésia e Cartografia. Cumpre ainda esclarecer que a Instituição passou a colaborar com inúmeras instituições públicas, federais e estaduais, executando, mediante o estabelecimento de convênios, projetos específicos de interesse nacional.

Ainda na década de setenta, a Presidência da República criou o Programa de Dinamização da Cartografia. O IBGE pôde assim adquirir equipamentos e instrumental que possibilitaram o redimensionamento das linhas de trabalho da Geodésia e da Cartografia, ampliadas também no setor dos recursos humanos.

Sob o peso da tradição, consolidada pela seriedade e pela excelência dos resultados alcançados, e diante dos recursos injetados pelo Programa de Dinamização da Cartografia, é que se tem caracterizado a atuação do IBGE nessas áreas de conhecimento ao longo dos últimos anos, ratificando-se a inscrição do Brasil no rol dos países que produzem documentos cartográficos precisos e de notável apresentação gráfica.

O aprimoramento da demografia nos levou a conhecer melhor as características do brasileiro e seu comportamento na sociedade

# O álbum de família da população nacional

Valéria da Motta Leite (Chefe do Departamento de Estudos Demográficos)

A origem da enumeração da população perde-se no tempo. As descobertas arqueológicas vêm comprovar ter havido registros de alguns grupos dos antigos habitantes do planeta. A própria Bíblia, por sua vez, documenta no Velho Testamento a realização de contagem de população. A História comprova ter havido recenseamentos durante o Império Romano, onde eram arroladas as famílias e suas propriedades. Nessa época, os levantamentos eram feitos com fins imediatos (cobrança de taxas e impostos, recrutamento militar etc.), sem o intuito de utilizar as informações para o próprio estudo da população. Somente na metade do século XVII se encontra menção à instituição de um censo com características semelhantes às dos levantamentos modernos. No século XVIII já começam os recenseamentos realizados de forma sistemática e metódica, que visam a retratar a população em seus diversos aspectos. Isto veio possibilitar o estudo das características desta população, num dado momento, e permitir o acompanhamento de sua dinâmica.

tados deram suficiente idéia da importância das atividades produtoras, além de aceitáveis valores para a população e suas classificações.

Na década de 30, o Governo deu um passo importante em benefício da estruturação do sistema estatístico nacional, quando promoveu a integração das áreas municipal e estadual e destas com a União. O Instituto Nacional de Estatística, instalado em 29 de maio de 1936, e que deu origem ao atual IBGE, recebeu a missão de coordenar os diferentes elementos dispersos naquelas áreas, para operar com unidade de diretrizes, fins e métodos, e com a incumbência do trabalho censitário.

## O IBGE e os Censos de População

Em 1940 seria realizado o V Recenseamento Geral do País, já sob a responsabilidade do IBGE. O Censo Demográfico deste Recenseamento é considerado como um verdadeiro marco na história dos levantamentos da população em âmbito mundial, não só pela amplitude e profundidade dos temas investigados, como também, e principalmente, pelos avanços técnicos introduzidos em todas as fases de operação censitária.

Este inquérito, através de 45 quesitos, permitiu o levantamento de caracteres biológicos e étnicos — sexo, idade, cor; de informações relativas às enfermidades — estados patológicos da cegueira e da surdo-mudez; de interesse jurídico e social — estado civil e descendência; de caráter político — naturalidade, nacionalidade e a língua falada no lar, ou religioso; de indagações sobre o grau de instrução do povo brasileiro, de sua ocupação e outras informações de ordem econômico-social, como sindicalização, propriedade imobiliária, previdência e seguro social.

A partir daí, as operações censitárias iriam se repetir decenalmente. As recomendações técnicas estimularam que este seria o intervalo mais adequado para o acompanhamento das principais características da população.

A série decenal, que se mantém ininterrompida até nossos dias, além de fornecer uma visão do estado momentâneo da população, permite verificar o comportamento das principais variáveis no tempo, à medida que os levantamentos respeitam os critérios de comparabilidade. Mas este respeito não impediu que se introduzissem inovações importantes nos levantamentos posteriores. Em 1960, por exemplo, se utilizou pela primeira vez num censo brasileiro a técnica de amostragem, que permitiu a coleta de maior elenco de informações, com custo e prazo reduzidos, sem prejuízo para a precisão dos resultados. Também a substituição do sistema convencional de apuração mecânica dos dados pelos modernos computadores de alta eficiência contribuiu para um ganho substancial nas operações censitárias.

## Censo — Retrato de uma População

O aumento do volume da população nacional é um fenômeno que se vem observando com impressionante regularidade ao

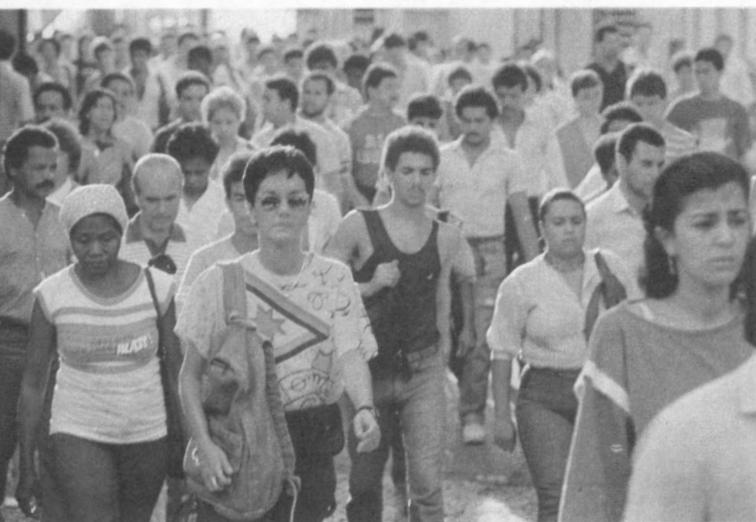


Foto de Cristina Zappa

A necessidade de contar a população é coisa antiga.

No Brasil, desde a época colonial até 1872, data do primeiro Censo Geral do Império, só existiram estimativas e inquéritos, que nem sempre mostraram fielmente a realidade demográfica brasileira. A importância desse Censo de 1872 se ressalta por ser o primeiro acabado e por indicar com suficiente aproximação quer o número total dos habitantes, quer a classificação destes, segundo vários caracteres individuais.

Novas operações censitárias foram repetidas em 1890, 1900 e 1920, sendo que a última teve o mérito de ampliar e sistematizar a coleta de informações. Em várias ocasiões tinham sido realizados inquéritos abrangendo as atividades agrícolas e industriais, nunca porém com a amplitude conseguida em 1920. Seus resul-

longo dos anos. O ritmo da taxa de crescimento se acelerou gradativamente até a década de 1950. Na década seguinte registra-se uma diminuição na velocidade do incremento que retoma seu movimento a partir de 1980, conforme podemos observar na tabela abaixo:

EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO BRASILEIRA — 1920-1980

CENSOS	POPULAÇÃO (1.000 hab.)	TAXA DE CRESCIMENTO ANUAL (%)
1920.....	30.636	1,49
1940.....	41.165	2,39
1950.....	51.942	2,99
1960.....	70.070	2,89
1970.....	93.139	2,48
1980.....	119.003	

Fonte: Censos Demográficos de 1920 a 1980.

No que se refere à ocupação do espaço brasileiro, as informações censitárias permitem não apenas estabelecer a distribuição da população nas diferentes áreas, como ainda conhecer os fluxos migratórios que influenciaram esta distribuição, conforme o quadro abaixo:

POPULAÇÃO RESIDENTE POR SITUAÇÃO DO DOMICÍLIO  
SEGUNDO AS GRANDES REGIÕES — 1980

GRANDES REGIÕES	POPULAÇÃO RESIDENTE (1.000 hab.)		
	Total	Urbana	Rural
BRASIL.....	119.003	80.437	38.566
Norte.....	5.880	3.037	2.843
Nordeste.....	34.813	17.567	17.246
Sudeste.....	51.734	42.840	8.894
Sul.....	19.031	11.878	7.153
Centro-Oeste.....	7.545	5.115	2.430

Fonte: IBGE. Censo Demográfico de 1980.

Com relação à classificação pela idade, os estudos indicam que a grande maioria da população brasileira é jovem: 40% dos indivíduos se encontram na faixa de menos de 15 anos e apenas 2% na faixa dos 70 anos para cima.

A classificação pelo grau de ensino contém informações bastante reveladoras. O número de crianças na faixa de idade em que a educação é obrigatória vem aumentando sensivelmente. No entanto, segundo os resultados de 1980, cerca de 33% destas crianças não desfrutam deste direito básico, garantido pela lei. Esta falha no atendimento escolar durante décadas a fio acaba se refletindo nas taxas de analfabetismo, que, apesar de todos os esforços, ainda se situam em patamares alarmantes:

CENSOS	TAXA DE ANALFABETISMO (%)
1940.....	56,1
1950.....	50,6
1960.....	39,7
1970.....	33,0
1980.....	25,5

Fonte: IBGE. Censos Demográficos.

No referente a outras características, como estado conjugal, cor e religião, os Censos permitem conhecer não apenas a evolução histórica da estrutura da população, como também

associá-la a outras variáveis com vistas à identificação de categorias diferenciadas.

As características econômicas vêm merecendo atenção especial a cada novo Censo. A classificação da população, segundo a participação na atividade econômica, se obtém através de quesitos específicos. Para a classe dos economicamente ativos, os resultados possibilitam informações referentes às ocupações exercidas, à posição na ocupação e ao ramo de atividades, além de outras, como horas trabalhadas, rendimento, vínculo empregatício etc. É interessante verificar a evolução das taxas de participação na atividade econômica por sexo. Os Censos indicam, por exemplo, que, apesar da predominância da participação masculina, o ingresso das mulheres no mercado de trabalho vem aumentando gradativamente, conforme mostra o quadro abaixo:

POPULAÇÃO ECONOMICAMENTE ATIVA E TAXA DE ATIVIDADE  
POR SEXO — 1950-1980

CENSOS	POP. ECON. ATIVA (1.000 hab.)		TAXA DE ATIVIDADE (%)	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
1950.....	14.610	2.508	80,8	13,6
1960.....	18.673	4.077	77,2	16,6
1970.....	23.392	6.165	71,9	18,5
1980.....	31.393	11.843	72,4	26,6

Fonte: IBGE. Censos Demográficos.

Além do rendimento do trabalho, a investigação censitária procura também registrar rendimentos oriundos de outras fontes, o que vai permitir uma avaliação mais exata da distribuição da renda no País. Por outro lado, os Censos fornecem informações sobre os grupos domésticos — famílias e domicílios. Sobre estes últimos, é possível obter informações referentes às características físicas, instalações e equipamentos existentes. Tais elementos fornecem dados fundamentais para a formulação de uma política habitacional mais racional e mais bem planejada:

DOMICÍLIOS SEGUNDO ALGUMAS CARACTERÍSTICAS —  
1970-1980

CARACTERÍSTICAS	PROPORÇÃO DE DOMICÍLIOS (%)	
	1970	1980
Condição de ocupação		
Próprio.....	60,3	61,7
Outro.....	39,7	38,2
Abastecimento de água		
Rede geral.....	32,8	54,9
Poço ou nascente.....	24,6	29,8
Outro.....	42,6	15,3
Instalação sanitária		
Rede geral.....	13,2	25,8
Fossa séptica.....	13,4	13,8
Fossa rudimentar.....	29,7	24,9
Outra.....	4,3	3,7
Não tem.....	39,4	30,0
Existência de		
Iluminação elétrica.....	47,6	78,5
Geladeira.....	26,1	50,5
Televisão.....	24,1	56,1
Automóvel.....	9,0	19,1

Fonte: IBGE. Censos Demográficos.

Com relação às famílias, apesar da limitação imposta pelas características do levantamento censitário ao considerar somente as pessoas ligadas por laços de parentesco que vivem no mesmo domicílio, as informações disponíveis abrem perspectivas aos estudos que têm esta unidade como objeto de análise.

### Os Censos Domiciliares

Os Censos Demográficos realizados pelo IBGE fornecem aos estudiosos uma fotografia relativamente exata da população nacional de dez em dez anos. Mas existem certos fenômenos demográficos que, por sua própria dinâmica interna, necessitam ser controlados em prazos menos longos. Por outro lado, alguns temas requerem investigação aprofundada para ficar mais bem conhecidos. Nesses casos, os Censos não são suficientes para atender à demanda e o IBGE se vê obrigado a recorrer a pesquisas domiciliares por amostragem. Por suas características próprias, tais pesquisas permitem obter os tipos de informações desejadas, informações que se revelam de grande valor para a política econômico-social do Governo.

Estas pesquisas domiciliares tiveram início em 1960. Sete anos mais tarde, foi implantada a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios — PNAD, com o objetivo de investigar o comportamento de certas características bem determinadas das pessoas, famílias e habitações, com um destaque todo especial para a mão-de-obra. Nos anos seguintes, os técnicos da Instituição conseguiram aperfeiçoamentos progressivos nos procedimentos metodológicos e foram ampliando a abrangência dos temas e a cobertura territorial. De 1976 em diante, a PNAD passou a ser anual, só tendo sido interrompida pelo Censo de 1980.

Para uma visão global da diversificação temática que o programa possibilita, basta considerar o número e a diversidade dos itens já pesquisados em profundidade, quais sejam: rendimento, nutrição, consumo domiciliar, migração, saúde, educação, previdência social, fecundidade, situação do menor etc.

O programa de pesquisas domiciliares por amostra, pela sua versatilidade, pode responder a solicitações as mais variadas. Foi o que ocorreu, por exemplo, em 1980, quando os planejadores do Governo sentiram a necessidade de conhecer mensalmente os níveis de emprego e desemprego da população, para acompanhar a conjuntura do mercado de trabalho. Naquela ocasião, lançou-se a Pesquisa Mensal de Emprego — PME —, cujo objetivo é fornecer indicadores mensais para as principais regiões metropolitanas brasileiras. Estes indicadores constituem uma informação absolutamente imprescindível para todos aqueles que investigam e acompanham a evolução da realidade do emprego no País.

A diversidade dos temas que se investigam através destas pesquisas domiciliares é extremamente rica e tem permitido análises do comportamento dos mais variados aspectos da realidade sócio-econômica no Brasil. Em 1981, a PNAD investigou o tema Saúde. Os resultados da investigação permitiram avaliações especialmente úteis para o conhecimento da situação materno-infantil. Questões como a da frequência de cesarianas e da cobertura vacinal foram assim dimensionadas para diferentes segmentos da população.

No que se refere ao item educação, é claro que existem pesquisas contínuas centradas sobre o tema. Mas o programa da PNAD em 1982 proporcionou o conhecimento de uma série de informações que não se encontram normalmente em qualquer registro administrativo. Para se ter uma idéia a respeito, basta consultar a tabela abaixo:

### DOMICÍLIOS POR NÚMERO DE LIVROS EXISTENTES SEGUNDO O TIPO — 1982

TIPO DA MAIORIA DOS LIVROS	DOMICÍLIOS (Milhares)			
	Até 10 livros	11 a 25 livros	26 a 50 livros	51 livros ou mais
TOTAL .....	9.403	4.060	2.701	3.558
Escolar .....	6.248	3.193	1.885	1.813
Técnico-Profissional...	257	268	343	966
Religioso.....	2.171	165	73	71
Outro .....	727	434	400	708

Fonte: IBGE. PNAD-82.

Além dos temas especiais, as Pesquisas Domiciliares fornecem também subsídios para o acompanhamento da situação da mão-de-obra, com base numa série regular de indicadores fundamentais que ficam disponíveis a intervalos anuais para as unidades da Federação e para o Brasil como um todo, e a intervalos mensais para as principais regiões metropolitanas.

Ao longo de seus cinquenta anos de existência o IBGE conseguiu enriquecer o trabalho da simples produção de dados com análises e estudos mais aprofundados que aprimoram o conhecimento da dinâmica demográfica brasileira. De nada adiantaria destacar aqui os nomes de alguns técnicos de competência excepcional e omitir a homenagem aos inúmeros servidores anônimos, cuja dedicação e assiduidade tornam possíveis os sucessos que hoje comemoramos. Fruto deste meio século de atividade, o acervo acumulado pelo IBGE constitui um dos mais ricos e variados álbuns de retratos da família brasileira que já se conseguiu reunir.

Prof.<sup>a</sup> Valéria:  
informações  
para a  
política  
econômico-  
social.



Foto de Paulo Villas Boas

# notas



## CARIMBO DE ANIVERSÁRIO

**D**urante uma semana, de 30 de maio a 5 de junho, os Correios estarão imprimindo sobre cada carta ou encomenda postal para o Brasil e o exterior um carimbo de homenagem ao IBGE, pela passagem dos cinqüenta anos da Instituição. O carimbo, feito pelo pessoal da Casa da Moeda, tem um alto valor filatélico, como aliás acontece com os carimbos e selos que marcam efemérides importantes. Os colecionadores de documentos postais vão ficar de olho. O carimbo foi projetado pelo pessoal do Centro Editorial (CEDIT), em Lucas, no Rio.

A equipe do Departamento de Ilustração (DEDIL), ligada também ao CEDIT e dirigida

pelo artista plástico Francisco Barboza Leite, produziu um selo, confeccionado pela gráfica do IBGE, que aparecerá, a partir de agora, e durante um ano, em todas as nossas publicações.

O Cinqüentenário do IBGE vem motivando os artistas da Casa. À medida que cheguem à redação de NOVA IMAGEM, iremos publicando as marcas, selos e desenhos sobre o tema, produzidos pelos nossos companheiros Brasil afora. Pedimos, inclusive, que as Agências e as Delegacias nos mandem noticiário e fotos sobre as festas, eventos e solenidades que marquem as comemorações do Cinqüentenário em cada estado ou município.

## O BANCO DE DADOS CUMPLETA 50 ANOS



Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística  
IBGE  
COMEMORATIVO AOS 50 ANOS

**A**rtista plástica premiada e poetisa já reconhecida, Rosi Luna (que trabalha na DEGE de Pernambuco mas é paulista) arriscou-se num gênero pouco cultivado pelos escritores de nível universitário — o folheto, criado pelos cantadores e poetas nordestinos. O folheto de Rosi chama-se “O Banco de Dados, Cumpleta 50 Anos”. Muito chegada também à arte do humor, Rosi Luna criou, para a capa do seu cordel, uma charge em que a expressão “banco de dados” recebe um tratamento literal. Mas vamos ao folheto: “Cumpadre não se afóite/Que a Estatística vai miorá,/Os tempo tá a dourá./Fais hoje 50 ano/Que o IBGE tá pra contá,/De valia e calculia,/A somá i virificá/Os dado de tudo qui é coisa/I nós lá a arjudá/O brio vai ofuscá,/O Brasil vai dá/As mão a buscá/Solução que virá”

## Na linguagem do cantador

IBGE  
Bodas faz.  
Gente,  
Espia...

Eu vi lá  
A Memória se alegrar  
Ela cuchichô  
Vosmicê vai contar  
Com as palavra  
De todos persoa...  
Lá pois, o Censo vai falá  
E foi aí que o Censo  
Que tava cum nervo na fulô da pele  
E o senso de humô chacoalhado  
Se alevantô e gritô:  
Carma que o Indirce  
Qué me pegá!  
Mas eu retruquei:  
Cumpadre não se afóite  
Que a Estatística vai miorá,  
Os tempo tá a Dourá.  
Fais hoje 50 ano  
Que o IBGE tá pra contá,  
De Valia e Calculia.  
A Somá i Virificá  
Os Dado de tudo qui é coisa  
I nós lá a arjudá  
O Brio vai ofuscá  
O Brasil vai dá  
As mão a buscá  
Solução que virá.

E as Boda se enfureceu  
Quando arguém repicou  
Tá é véio este tar de IBGE...

Oxê hôme tu é besta!  
Sabe que as Boda  
É um fatô  
Qui mi inobreci i decrarô  
Sô orguioso de hoje 50 ano compretá,  
Tô é Novo!!!

E orça essa  
Tu tais pensando qui  
Perquisa se acaba?  
Caba não!  
Vem uma,  
Vem outra,  
E têm sempre uma  
Nas porta da gente.  
E é um tarl de coiê número...  
Eu só óio número disfilando  
Em tanto do livro,  
Qui eu nem sei das quantia.  
Tem até naquela língua embolada  
O Ingrês  
Eu tô jogando os meu dadim  
Aqui in nesse quintá,  
Pigarreando um fumim  
E fico matutando...  
Ave, tu nem pode maginá...  
Magina só qui filicidade  
Tá dentro d'eu  
Me sinto Arto  
Como um banco di hôme Desenhador.  
Avisto um Bôlo de Dado  
Umás vela arcesa  
Que arteia o fogo  
Da Esperança, da fé...  
De Dado é qui não vai fartar  
Esse Brasil é o meu tapete verde  
Di Caminho Fulorido a percorrer.

# 1936 AS CONTRADIÇÕES DE UM ANO

Cinquenta anos atrás. Já começavam a chegar ao Brasil os rumores sobre a inquietação européia com a escalada do nazismo e as intenções bélicas e expansionistas alemãs. Que, três anos depois, lançariam o Velho Mundo nas trevas da Segunda Grande Guerra. Plínio Salgado gritava "anauê", a saudação integralista, versão cabocla do nazi-fascismo que cegava as multidões germânicas e italianas. Foi também o ano da Guerra Civil Espanhola, quando jovens idealistas do mundo inteiro, inclusive do Brasil, foram para a Espanha lutar contra Franco, ao lado dos rebeldes republicanos. Enquanto isso Hitler montava as Olimpíadas de Berlim de 1936. Diz-se que para provar a superioridade da raça ariana pura. Desastre e decepção para o Fuehrer: quem ganhou as provas mais importantes do atletismo na branca Alemanha de Hitler foi um negro americano, Jesse Owens, um atleta fantástico. O mundo vibrou. Os Estados Unidos viviam o New Deal, os musicais do cinema e assistiam a Tempos Modernos, obra-prima de Charles Chaplin, o Carlitos. Aqui no Brasil vivíamos o



Carmem Miranda cantava Nós Somos as Cantoras do Rádio.

começo da era de ouro da Rádio Nacional, das Piadas do Manduca, de Nada Além de Dois Minutos, programas radiofônicos que ninguém perdia. Nascia o samba de breque no Rio. Carmem e Aurora Miranda cantavam Nós Somos as Cantoras do Rádio, no filme Alô, Alô, Carnaval. O maior sucesso.

## Berta Lutz e Vargas: pelas mulheres e trabalhadores

Um ano importante para as feministas e sufragistas brasileiras: Berta Lutz, que fora eleita suplente de deputado pelo Distrito Federal assume a vaga, tornando-se a primeira mulher parlamentar no País. Ano importantíssimo para os trabalhadores: Getúlio Vargas cria comissões para estudar a questão do Salário Mínimo. No plano municipal, o Prefeito do Rio, Padre Olympio de Mello, figura curiosíssima, publicava Edital convocando ao trabalho altos funcionários nomeados pelo seu antecessor, que jamais haviam comparecido ao serviço. Noel Rosa morreria em dezembro de 36. Mas deixava dois grandes sucessos gravados naquele ano, que viriam a se tornar clássicos da música brasileira: *Pierrô Apaixonado* e *Palpite Infeliz*.



Noel Rosa, poeta e boêmio, compôs dois sucessos musicais de 36: *Palpite Infeliz* e *Pierrô Apaixonado*.

## 1956 RUMO AO PLANALTO CENTRAL

Juscelino Kubitschek tomava posse como Presidente da República e, naquele momento, nas pranchetas de Lúcio Costa e Oscar Niemeyer, o sonho de Brasília começava a tomar os contornos de realidade. Aliás, a transferência da capital da República para o Planalto Central era idéia já defendida, desde a década de 30, por Teixeira de Freitas, fundador do IBGE. O Brasil vivia a campanha pela baixa do custo de vida. E o então Ministro da Guerra, Henrique Teixeira Lott, sugeria a participação do Exército na guerra contra a inflação.



Com a posse de JK na Presidência da República, Brasília começa a virar realidade.

Fotos Agência O Globo

## QUE FEZ HISTÓRIA



Berta Lutz: a primeira deputada federal brasileira.

### Nossa hora e nossa vez

Em 1936 a Saúde Pública estudava um plano geral de combate aos mosquitos, uma praga cíclica que vez por outra empolga o Rio de Janeiro. Os daquela época chamavam-se *Cules* e *Stegomia*, talvez os mesmos *Aedes aegypti* de agora, talvez primos um pouco distantes. Outra figura que se tornaria íntima do País anos mais tarde já era problema em 36 — a Inflação. Já se falava mesmo na presumida culpa dos atravessadores de mercadorias. Versão dos modernos intermediários. Mas o importante é que o Brasil registrava um acontecimento que o tempo provou ter sido um dos mais marcantes daquele ano: no dia 29 de maio de 1936 instalava-se no Rio o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

## 1946 OS PRACINHAS EM CASA

Uma frase de efeito se fixaria nas cabeças a partir de 46 e viria a se constituir em assunto para os futuros teóricos da criação publicitária no Brasil: “Seus cabelos merecem Glostora”. Mas, naqueles idos, ninguém estava ainda ligado em Teoria da Comunicação, apesar de usar Glostora. Os assuntos do momento eram a Assembléia Constituinte que preparava a Constituição, a vigorar a partir de setembro, e o severo controle de preços imposto por Dutra. Além da volta dos Pracinhas, que desde o ano anterior retornavam ao lar, após a campanha da Itália. Neste mesmo 46, instituiu-se oficialmente o Dia das Mães.

## 1966 “E QUE TUDO O MAIS VÁ PRO INFERNO”

Foi nesse ano que os últimos governadores eleitos pelo voto direto tomaram posse. Depois, diretas para governador só em 82. Um tempo de frustrações para o País. A Seleção brasileira vivia um caos, chegou a ter três times que treinavam separadamente. Não foi à toa que ficamos sem o caneco: a Inglaterra ganhou a Copa do Mundo. Enquanto o Rio de Janeiro afundava em enchentes que arrastavam tudo morro abaixo, Roberto Carlos estourava geral mandando tudo para o inferno.



Nossa Seleção em 66.



# 1976 PECADO CAPITAL VERSUS TRAPALHÕES

Um desastre de automóvel na estrada São Paulo—Rio matava o ex-Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira. As versões de atentado surgiram logo: JK era figura de forte apelo popular e, naquele momento, opositorista em relação ao Governo Militar de então. João Goulart também morreu em 76, na Argentina. O único Presidente brasileiro a morrer no exílio. Acontecimento político de peso foi a apro-

vação da Lei Falcão, que restringia a propaganda eleitoral no rádio e na televisão. A TV Globo partia para a conquista do campeonato nacional de audiência — que até hoje ninguém ainda lhe arrebatou — com a novela *Pecado Capital*, de Janete Clair. Os índices do IBOPE eram altíssimos. Ainda assim, quem ganhava a briga era a TV Tupi, com *Os Trapalhões*, hoje estrelas globais.

# 1986 ENTRE O COMETA E O CRUZADO O FÔLEGO DE JOSÉ JOÃO

Nos primeiros minutos do ano, o pernambucano José João da Silva ganhava a 61.ª Corrida Internacional de São Silvestre, em São Paulo. Um paraibano magrinho e cheio de determinação. Um forte, como definiria Euclides da Cunha em *Os Sertões*. José João provava assim, mais uma vez, a nossa competência, escondida sob a aparência magra de Terceiro Mundo. Ano de Copa. O Brasil às voltas com as complicações de Telê e as instabilidades da Seleção Canarinho. Parece que campeões somos mesmo é de cáries dentárias: 700 milhões, afirmam os dentistas, que se dispuseram a contá-las. Nos

céus americanos explode a Challenger, uma bola de fogo levando mais para longe o sonho de se chegar a outros planetas. Na Rússia, explode Chernobyl, assombrando o mundo com o temor dos perigos da radiatividade. O Halley passa e quase ninguém vê. Uma distante nebulosa na constelação do Escorpião. O *Aedes aegypti* aparece no Rio. Com ele volta o fantasma da febre amarela. Trouxe a dengue, doença de nome desconcertante. Que, antes das mazelas que agora sugere, era palavra de carinho e bem-querer.



Ruschi, o grande cientista, entre Sapaim e Raoni: retrato de um Brasil que acredita nas suas raízes.

Antes mesmo de fechar o semestre, 1986, o ano do Cinquentenário do IBGE, já está entre os mais importantes na nossa história recente. Sem que ninguém esperasse, o Presidente da República pegou o touro da inflação pelos chifres e derrubou o bruto, munido das armas que lhe foram fornecidas por uma equipe de economistas. Entre eles, Edmar Bacha, Presidente do IBGE. De um dia para o outro, brasileiros de todos os quadrantes inscreveram-se numa nova e combativa categoria: os fiscais do

Sarney, a verificar se as regras do congelamento de preços estão sendo observadas. O Programa de Estabilização Econômica, que se popularizou como "O Pacote", impunha o golpe de misericórdia ao Cruzeiro, afogado nos próprios zeros. E trazia à vida o Cruzado, a nova moeda brasileira, com fôlego de José João para correr na raia das moedas fortes.

Brasil, país de esperanças e contrastes! No mesmo ano do Cruzado, do cometa, da dengue e de Chernobyl, Sapaim e Raoni saem do fun-

do da floresta para, com a sua medicina primitiva, à base de baforadas de ervas fortes e rituais de pajelança, salvar a vida do cientista Augusto Ruschi, o protetor dos beija-flores.

E salvaram.

Brasil de Zé João, de Ruschi, do Cruzado. E do IBGE, que transforma tudo isso em dados da realidade.



De tabela na mão, fiscalizando os preços.

A seção Painel, uma geral nos principais acontecimentos do mês, é uma edição da Assessoria de Imprensa. Da equipe, comandada pela jornalista Shirley Soares Dias de Souza, fazem parte os companheiros Carlos Silva, Lúcia Helena Senra, Lecy Delfin, Teresa Millions, Sônia Alves dos Santos,

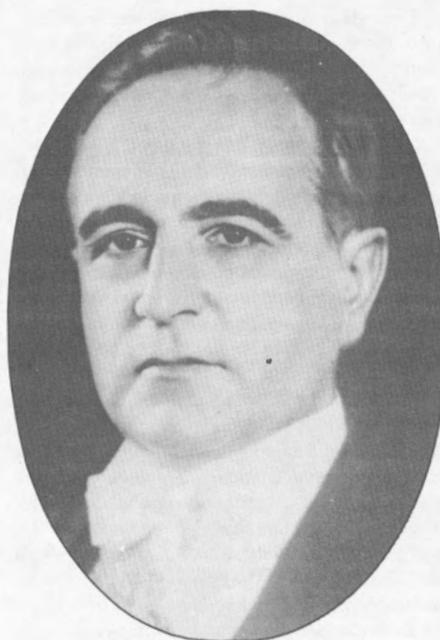
Maria Goreth, Gisele Papadelis, Maria Alda, Wagner, Edna Ferreira e Gisela Ávila.

Na presente Edição Especial, painel abordou alguns acontecimentos marcantes ocorridos a cada dez anos, entre a Fundação e o Cinquentenário do IBGE.

*Elas são a origem, os Notáveis. Com seu empenho, trabalho e idealismo, fundaram esta Casa e traçaram os caminhos da Estatística, da Demografia, da Geografia e da Cartografia na Instituição*

# Os pais fundadores

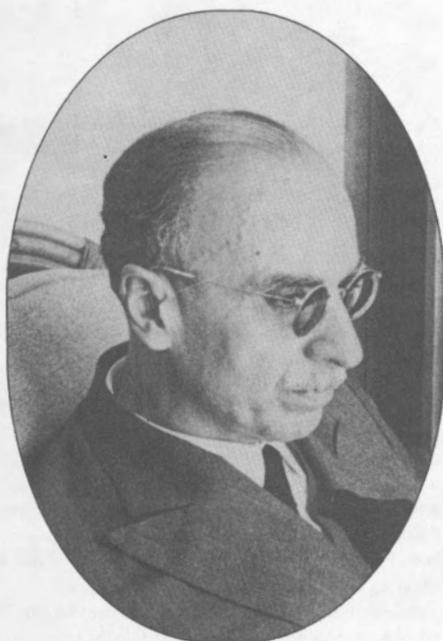
Muitos são os nomes ligados às origens e à implantação do IBGE e das suas áreas específicas de atuação. No próprio Documento de Fundação pode-se contar sessenta e quatro assinaturas. A começar pela de Getúlio Vargas. Segue-se a do Embaixador José Carlos de Macedo Soares, primeiro Presidente da Instituição, que conduziu os destinos do IBGE durante quinze anos. Na mesma data e naquele local da fundação — o Palácio do Catete —, Mário Augusto Teixeira de Freitas, considerado o mentor intelectual do IBGE, assumia como Secretário-Geral da Junta Executiva do Instituto Nacional de Estatística. Em 1940 o Brasil recebia o professor italiano Giorgio Mortara,



GETÚLIO VARGAS

um grande especialista em Estatística e Demografia, que contribuiu muito para estabelecer as bases dessas ciências no IBGE.

Os documentos antigos trazem à memória e ao respeito geral nomes que estão nos alicerces do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística: Carneiro Felipe, Rafael da Silva Xavier, Fábio de Macedo Soares, Delgado de Carvalho, Allyrio de Mattos, Christovam Leite de Castro, Waldemar Lopes, Teixeira Guerra, Luiz Simões Lopes, entre outros também da maior relevância. Abnegados, apaixonados e idealistas, eles bem merecem ser lembrados e passar à história como os "pais" do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.



MÁRIO AUGUSTO TEIXEIRA DE FREITAS



JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES



CARLOS DELGADO DE CARVALHO

# A misteriosa sedução do mundo de PERCY LAU

Depoimento de BARBOZA LEITE sobre o genial colega do IBGE

O outro lado de Percy Lau, por coincidência o menos conhecido, é aquele que se revela em sua iconografia. É o mais puramente sensível e o mais poético: são alegorias humanas que evidenciam a sensualidade da terra brasileira através da mulher mestiça. Mesmo quando descreve em traços instantâneos a mulher que trabalha no eito, uma rendeira trançando bilros, ou uma cabocla vendendo doces num tabuleiro... ele encontra nos mínimos toques do seu lápis uma curva sutil que sempre insinua o calor de uma oferta oculta, um rumo quase impalpável de promessa prometida que só o olho dele sabia descobrir.

Vale a pena ver a galeria de "nus" com cheiro de frutos silvestres, uma sensação pantefista que se incorpora à pele da gente como visgo de jaca grudando os pés de um passarinho. Poesia da verdadeira, na grafia dos ritmos instintivos de uma natureza que se fecunda de sol, mistura de suor e o lamento de três raças se abraçando.

"Sua obra é profunda, harmoniosa, coerente em sua evolução, rica de lirismo e ao mesmo tempo de força dramática, opulenta no sentido humano" — como observa Alcídio Mafra de Souza.



Nos estudos do artista a sensualidade assume uma forma de pureza.

E que dizer-se dessa música percutida em prosos de instrumentos invisíveis tangidos pelo vento como uma leveza de muitas flautas tocando em uníssono e que a grafia dos seus coqueirais transcreve?

Não posso deixar de recorrer à metáfora quando era ele mesmo, o Percy para os íntimos, quem me chamava de poeta e me comovia confessando que não encontrava maneira mais delicada de qualificar a quem considerava como seu amigo mais constante. Confidenciávamos horas a fio nossos sonhos e fadigas. Ele me submetia suas audácias artísticas atribuindo-me um mérito que o confortava por sermos dois penitentes de idéias assemelhadas. Era como fruirmos um convívio de paciências sem arrojos no emparedamento do serviço público.

A primeira vez que o encontrei, Percy Lau trabalhava curvado sobre uma pequena mesa de datilografia, executando alguns dos desenhos, que o tornaram famoso, para a seção "Tipos e Aspectos do Brasil", da *Revista Brasileira de Geografia*. Não bastasse esse constrangimento, havia ainda sobre sua cabeça uma escada de onde escapava uma nuvem permanente de poeira que o obrigava a ficar sempre limpando os desenhos com um lenço. Fui entrevistá-lo como destaque na seção "Artistas das Américas" que eu escrevia na revista da Associação Brasileira de Desenho. Retirei-me amargurado com a situação do colega, sendo eu também um emigrado do Nordeste, "asilado" no IBGE. Movi os "pauzinhos". E com a anuência cordial e interessada de José Veríssimo Pereira da Costa, Secretário-Geral do Conselho Nacional de Geografia, foi instalada a "Sala dos Artistas", como o referido gostava de chamar um pequeno setor de ilustrações que passamos a ocupar: eu, removido da Divisão de Cartografia, Percy Lau, Amaro de Souza, calígrafo, e Moacir Medina, que executava, a bico-de-pena, retratos de personalidades ilustres da Geografia. Éramos um "prato feito". Daí por diante perseguimos novas rotas, sulcando novos anseios que se edificariam com o tempo.

Dizem que recordar é viver. As dores, depois de apagadas, podem se tornar lembranças sublimes. Esta premissa funciona. Já não dói tanto a memória dos momentos difíceis que atravessamos, às vezes repartindo nossas magras finanças, para a aquisição de livros, ou até de alimentação. Éramos como mosqueteiros unidos para o que desse e viesse. Tínhamos o orgulho



Neste nu de Percy Lau a simplicidade do traço chega ao limite da perfeição.

de servir no que podíamos, sem maior preocupação de fama ou compensações. Unidos, e com algum conforto, honrávamos as tradições de nossa Instituição.

Não resta dúvida, o talento de Percy Lau começa a ser compreendido mais extensamente, depois de desligado da área didática e do interesse meramente documental. É um fenômeno novo e muito confortador para os que com ele conviveram. Principalmente porque muita gente inchada de preconceitos torcia o nariz para o artista, julgando que ele jamais passaria de um mero documentarista. Agora é que se vê que o bom Percy vivia no mundo de Pascin, de Matisse, dois anjos que, como ele, "garatujavam" a mensagem sempre inesgotável do corpo feminino. Assim como também o fazia Carlos Leão, e continua fazendo um Carybé.

## Ele foi muito mais do que um simples ilustrador



São raros os trabalhos em cor do artista. Mesmo quando recorria ao colorido, ele procurava preservar a força do motivo e do desenho.

### “Uma arte que é uma das expressões mais fiéis de nossas raízes”

Filho de pai inglês e mãe alemã, Alfred Percy Lau nasceu em Arequipa, no Peru, em 1903. Um acidente sofrido na infância obrigou os pais a levarem-no para a Europa. Passou depois parte da adolescência nos Estados Unidos e acabou vindo morar no Recife, onde realizou sua primeira exposição. Tinha então 26 anos.

Em 1938 transferiu-se para o Rio de Janeiro e ingressou no IBGE no ano seguinte. A mocidade e a maturidade iriam transformar o artista num

brasileiro perfeito, tão autêntico e tão completo que não sobrou mais nele nenhum resquício de outro sotaque que não fosse o nosso. E a arte de Percy Lau é autenticamente brasileira, tropical, no sentido mais sensual do termo. Ele se identificou de tal maneira com os nossos costumes que sua arte acabou se transformando numa das mais fiéis expressões de nossas raízes. Nunca é demais repetir que Percy Lau conseguiu compor o retrato mais fiel dos tipos e aspectos do

Brasil em todos os sentidos. Sem sombra de dúvida, e nisso tendo-se o apoio de autores especializados no assunto, foi ele quem melhor fixou o perfil psicológico de uma humanidade arraigada nos sertões mais longínquos, tanto quanto nas zonas praieliras, ou na hiléia amazônica. Além de representar a nossa paisagem com uma fidelidade absoluta, Percy Lau conseguiu atingir um estilo de características inconfundíveis, sem similar na iconografia sobre o Brasil.

Surpresa e encantamento: do fundo de velhos baús, na garimpagem da história ibgeana, o pessoal do Projeto Memória achou o que não procurava. E vibrou.

# instantâneos brasileiros em preto e branco



Tarde no café: a sociedade petropolitana, no Estado do Rio, veste as melhores roupas para o encontro com os amigos, no fim da tarde. A foto é de 1940.

Fotos de Arquivo

**P**ara o pessoal do Projeto Memória foi uma surpresa encantadora o achado das fotos. Esses garimpeiros apaixonados — sete funcionários da própria Instituição, coordenados pela BICEN — desde outubro do ano passado catam o ouro das informações e documentos sobre o IBGE na aridez dos arquivos espalhados pelo Brasil todo, ajudados na tarefa pelas Delegacias e Agências. Esforço conjunto que visa a organizar a memória histórica da Fundação. A ser revelada através de livros, vídeos, catálogos, exposições. No que começaram eles a re-

mexer em velhos papéis; abrir gavetas há muito esquecidas; escutar relatos de funcionários aposentados e antigos; explorar os guardados de baús carinhosamente preservados, aconteceu o inesperado: foram aparecendo lindas fotos que registravam em preto e branco aspectos do dia-a-dia brasileiro. Saraus, festas cívicas, passeios, piqueniques, cenas escolares, gente na feira. Peças de um painel dos tempos idos.

Maria das Graças de Oliveira Nascimento, da Coordenadoria de Projetos Especiais e uma das mais ativas ga-

rimpeiras, conta como foram obtidas as fotos:

— Algumas os funcionários mandaram, outras a gente achou até em arquivos mortos. Por aí. Essas fotos, as Agências fizeram entre 1940 e 1944, principalmente.

“Temos figuras aqui no IBGE que nós passamos a chamar de guardiães”, diz ainda Maria das Graças. “São pessoas que guardam um material fotográfico fantástico. E não são apenas os servidores antigos. Há muito jovem com esse mesmo espírito documental. E, às vezes, sentimental.”

“Gente que, com toda razão, é até ciumenta das fotos. Elas representam, muitas vezes, momentos da própria história pessoal de quem as guarda.”

Nossos “guardiães” ficaram emocionados porque a gente mostrou interesse pelos seus tesouros. Foram da maior generosidade. Muitos emprestaram as fotos para a gente usar, ou copiar. E outros até cederam.

Por que foram feitas fotografias desse tipo, mostrando festas e eventos que, aparentemente, não tinham a ver com as atividades da estatística?

— Naquela época, uma das funções das Agências era registrar, de alguma forma, os eventos, as efemérides, os acontecimentos em geral das comunidades onde se instalavam, inclusive através de fotografias.

O pessoal do Projeto Memória, como é de se esperar, valoriza demais o trabalho documental realizado espontaneamente por todos aqueles que se preocupam com qualquer papel ou foto que possa vir um dia a se constituir num elo para a recomposição histórica de alguma fase da Instituição. Não é, portanto, sem motivo que se referem tanto a Mário Augusto Teixeira de Freitas, considerado autor intelectual do IBGE, que organizou, com uma pequena equipe, um arquivo de 13.600 documentos, hoje sob a guarda da Biblioteca Nacional. É a história do IBGE até 1956, quando Teixeira de Freitas morreu.

As fotos tiradas pelo pessoal das antigas Agências estatísticas — e agora descobertas pelo Memória — ajudam a compor um painel curioso e, muitas vezes, lírico e romântico de algumas regiões brasileiras.

São ilustrações que começam a ser mostradas durante as comemorações do Jubileu de Ouro do IBGE. Fotografias de grande valor documental para a história — ou pelo menos a crônica — social do Brasil. O Projeto Memória continua garimpando na lava rica dos velhos arquivos. No final do Projeto, tudo o que tiver sido encontrado estará classificado, guardado e pronto para uso na BICEN, no Rio, ou nas próprias Agências, que bem sabem o valor dos tesouros que guardam.



Crianças de uma escola pública no município de São Gonçalo, no Estado do Rio, durante um passeio à praia de Icaraí, no Dia da Criança. Década de 40.



Como se vê, as feiras e mercados sempre estiveram na mira do IBGE. Desde os primeiros tempos. Até Getúlio Vargas, aparece de carona nesta foto, num folheto.

## EXPO JUBILEU

*Começa agora em junho, no MEC, Rio, a exposição 50 Anos Produzindo Informações, que mostra os processos de produção utilizados pelo IBGE desde 1936 até aqui. São abordadas na exposição todas as áreas de atuação da Instituição, em particular a cartografia, a geografia e a estatística.*

*A base da exposição são fotos em preto e branco, de alto valor iconográfico, entre elas um vasto material sobre o Censo de 1950, o que melhor foi documentado. Segundo o pessoal do Projeto Memória, que organizou a exposição, o objetivo é mostrar como o IBGE funcionou ao longo dos anos. Para tanto, foram utilizados, além das fotos, recortes de jornais, fac-símile de documentos relevantes, filmes e vídeos. Os visitantes da Expo IBGE conhecerão também jingles e outras peças musicais ou sonoras que ajudem a identificar e fazer com que se compreenda a história do IBGE, que é muito mais*

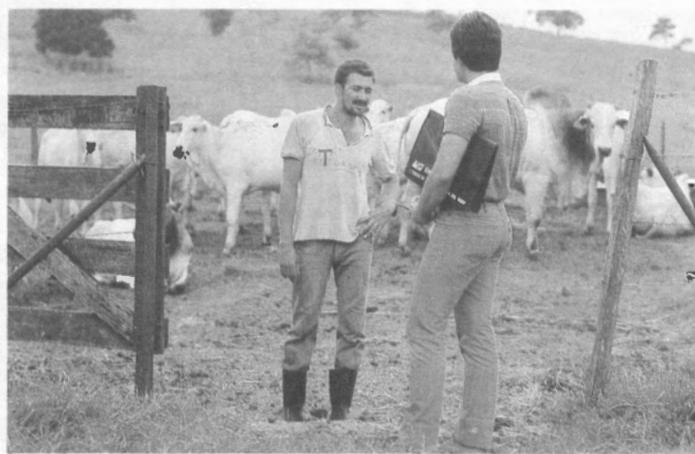
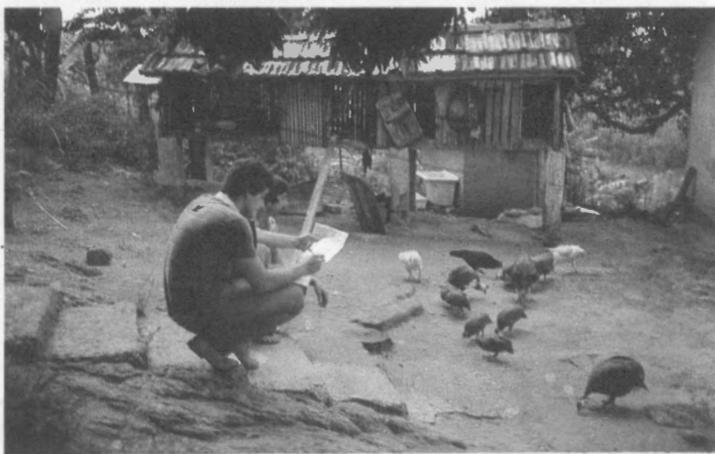


Uma foto e dois registros: sobre o método de apuração mecânica, usado no Sexto Recenseamento Geral brasileiro; e sobre a moça, beleza típica do estilo dos anos 50.

*curiosa, interessante e rica do que se possa imaginar. Depois do Rio, a Expo 50 Anos Produzindo Informações será levada a todos os estados brasileiros, através das Delegacias, ao longo do ano comemorativo das bodas de ouro.*



Uma geral da seção de apuração mecânica, no Censo Geral de 1950.



**“Censo é uma listagem/ de tudo que a gente vê./  
Só as coisas abstratas/ não podemos fornecer./  
Nem o espírito dos mortos/ nem a contagem dos ossos/  
de quem deixou de viver.”**

**(Divo de Oliveira,  
Agente de Coleta de Catende, Pernambuco)**

# AGENTE EM CAMPO

## nada escapa ao nosso repórter

Fotos de Cristina Zappa

Eles estão nas roças, nas fábricas, nas oficinas, nos supermercados, nos armazéns de esquina, nas biroskas do interior; estão nos cartórios; nas igrejas; na casa da gente, procurando registrar os hábitos de vida, consumo e lazer; estão nos matos, nas fronteiras, nos barcos de pesca, nos campos sem fim, nos sítios e fazendas, nos alagados, nos pantanais. Perguntando. Perguntando. Perguntando.

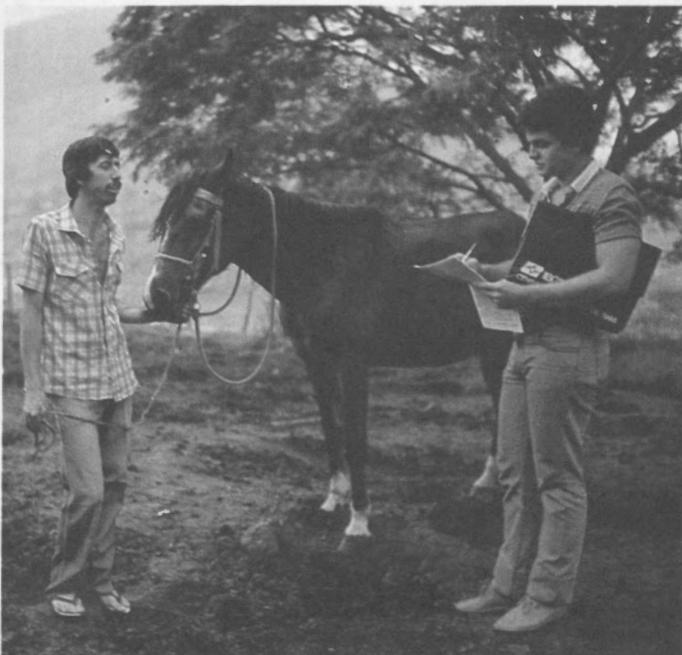
Eles estão em lombos de burro; em carroças vagarosas; em ônibus cheios, em barcaças perigosas; ao longo dos rios, incansáveis, perguntando, perguntando, perguntando.

Estão pelas estradas afora, questionários debaixo do braço e um bom humor impressionante, que os leva a dar risadas dos próprios apertos e a transformar em anedotas as situações difíceis que vivem.

Gente da base, repórteres do IBGE, Agentes de Coleta, há cinqüenta anos descobrindo o Brasil. Recenseando, contando, conferindo, levantando dados. Sol a sol, chuva a chuva, dia a dia. Batendo sola pelos caminhos do País, em busca dos dados que são a própria razão do trabalho do IBGE. Como disse um deles, "sem a gente, os computadores param e os analistas ficam sem o que fazer". Amam a aventura do cotidiano, tão bem ilustrada pelo Sérgio Gomes da Silva, do Pará: "Não podemos reclamar. Quando estamos em campo, dormimos em hotel de quatro estrelas e meia. Quatro dá para ver pelo buraco da parede, e meia parte da quinta, quando a outra metade fica tapada pela parede de barro. Isso quando a gente acha onde dormir. Senão fica mais bonito ainda e o céu é o nosso telhado". Nas palavras de Paulo Ubirajara Affonso, do Rio Grande do Sul, uma definição séria do trabalho do Agente de Coleta: "É a base de toda a estrutura organizacional da nossa Instituição"

Bravos Agentes de Coleta. Recebam as nossas homenagens no Cinqüentenário da Casa que vocês ajudaram a consolidar.

NOVA IMAGEM, maio/1986



Em 29 de maio de 1936, o IBGE começou a funcionar com as atribuições que tem hoje.

Agora, tente voltar 50 anos ao passado e imagine o que você pensaria se alguém lhe falasse sobre banco de dados.

Pois é.

Mas hoje, todo mundo entende a importância de se ter bilhões de informações processadas quase que instantaneamente através de computadores.

E de como o domínio da informação é vital para o planejamento das empresas e do país.

Para manter esse acervo de dados sempre atualizado, a Fundação IBGE realiza pesquisas permanentes e Censos.

Aliás, neste ano, estamos realizando o Censo Agropecuário, em fase final de coleta de dados em cerca de 6 milhões de propriedades rurais, e vamos iniciar o Censo Econômico, que pesquisará mais de 2 milhões de empresas.



Só para você ter uma idéia do lado prático do banco de dados da Fundação IBGE, saiba que muitas das informações que nortearam a reforma econômica do Governo saíram de lá.

Assim como lá estão as respostas de que sua empresa precisa para planejar melhor.

Seja qual for a informação de que você precise, consulte o banco de dados da Fundação IBGE.

Ele é tão completo que é capaz até de você obter respostas sobre como era a economia brasileira no tempo onde banco de dados era entendido ao pé da letra. E todas as mudanças que ocorreram até agora.

# 50 anos.

## FUNDAÇÃO IBGE

O maior banco de dados sobre o Brasil. Disponha!

# Isso é o que muita gente entendia por banco de dados em 1936.

# Saudações pelo JUBILEU

*“Os serviços prestados à cultura brasileira pelo IBGE são inolvidáveis. As instituições culturais brasileiras dedicadas à história e à geografia devem considerar a fundação do IBGE como um grande estímulo às suas atividades.”*

(Américo Jacobina Lacombe, Presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro)

*“O Cinquentenário do IBGE constitui uma ocasião propícia para que todos os brasileiros tenham consciência dos relevantes serviços prestados pela entidade à nação e ao povo brasileiros. Estes serviços capacitam a administração pública, a empresa privada e a própria cidadania a acompanharem a evolução econômica, social e política do País, elemento essencial à definição dos objetivos da sociedade brasileira em sua luta pelo progresso. Recentemente a importância do IBGE no cenário político e econômico do País adquiriu ainda maior relevo em função da inegável restauração da sua credibilidade perante a opinião pública, fruto da administração competente e transparente do Presidente Edmar Bacha e da participação de todos os servidores da Fundação, na formulação e execução da sua política e de seu programa de atividades.”*

(José Maria Aragão, Presidente do Banco Nacional da Habitação — BNH)

*“Pelo menos uma vez por semestre consultamos o banco de dados do IBGE. Essas informações servem, para ajudar a traçar um perfil dos municípios onde nosso banco pensa em instalar agências.”*

(Ademilson Ferreira,  
da Supervisão de Crédito Rural  
do Banco Bamerindus)

**“Qualquer empresa, para determinar os melhores pontos de distribuição dos seus produtos, precisa conhecer as áreas de maior concentração populacional. Então, a gente busca esses dados no IBGE, que se constitui num apoio e tanto para a indústria no Brasil. Nós usamos demais os serviços do IBGE.”**

(Ivan Paiva Braga, Gerente Regional  
da Phillip Morris Marketing)

*“Conheço há muitos anos as pesquisas do IBGE na área social, que sempre utilizei nos meus trabalhos. Seria muito bom que o mundo acadêmico tomasse consciência de que qualquer tentativa de interpretar o Brasil tem, necessariamente, que passar pelos dados coletados nesses 50 anos da história da Instituição.”*

(Maria Helena Coelho da Rocha, antropóloga e pesquisadora)

*“Na sociedade moderna seria impossível realizar um trabalho profundo em favor da comunidade sem ter o apoio de instituições altamente especializadas como o IBGE.”*

(Guillermo Piernes, representante da OEA no Brasil)

**“O IBGE tem sido da maior importância para o nosso trabalho na Academia Brasileira de Letras. Nós inauguramos, faz pouco tempo, um sistema de banco de dados, onde consta todo o tipo de informação sobre atividades literárias. O IBGE complementa nossas informações com dados estatísticos de todo o Brasil. Estamos fazendo um trabalho conjunto, praticamente. É uma grande Instituição.”**

(Austregésilo de Athayde, Presidente da Academia Brasileira de Letras)

*“Estou desenvolvendo uma tese sobre Planejamento Urbano na Universidade de Colúmbia, em Nova Iorque, onde moro. Vim ao Brasil agora fazer a parte de pesquisa de campo. No IBGE foi onde encontrei mais subsídios. Na minha opinião, esses cinquenta anos do IBGE poderiam marcar o começo de um trabalho aprofundado sobre a paisagem humana brasileira.”*

(Rosana de Carvalho, arquiteta e mestra  
em Planejamento Urbano)

*“Cinquenta anos de existência do IBGE representam toda a existência do Brasil, pelas suas próprias atribuições.”*

(Gilson Machado Serra,  
Assistente do Presidente da Companhia  
do Metropolitano do Rio de Janeiro —  
METRÔ)

**“O maior banco de dados sobre o Brasil? Beleza! A gente vai baixar lá.”**

(Gustavo Ferraz, estudante de Economia)

# TRANSPARÊNCIA

**A**o comemorar seu Cinquentenário, o IBGE se revela ao Brasil na plenitude de sua vocação primeira: ele é a instância onde o País toma consciência de sua própria identidade como Nação e como Povo.

Nenhuma comunidade humana pode saber com exatidão o que ela própria é, se não tiver conhecimento certo de seu território e de sua gente: extensão e qualidade da terra em que vive o povo, número e características dos habitantes e grupos sociais, o que se produz, quanto, quando, como e para quê. São informações essenciais que permitem uma primeira definição de identidade.

Em um segundo momento, estas informações são submetidas a processos de cruzamentos que completam e redefinem o perfil. O País pode assim se conhecer a si mesmo na integralidade de seu potencial, recebe a noção precisa de seus recursos e necessidades, e se encontra então apto a traçar um projeto de desenvolvimento, a partir para a conquista de novas dimensões.

Quem transmite ao País estas luzes, este saber-instrumento, esta informação-força, este conjunto de sinais-apelos é o IBGE. Há 50 anos, o mais alto saber estatístico e geográfico do País vem contribuindo para fazer da Instituição este foco de luz por onde o Brasil pode se reconhecer e se guiar.

Cabe pois agora uma homenagem a todos os ibgeanos de todas as idades e de todos os níveis, por um trabalho luminoso que vem ajudando os brasileiros a se conhecerem melhor.



Foto de Cristina Zappa

A fidelidade à vocação impõe ao IBGE duas exigências fundamentais: credibilidade e consciência de servir. Para cumprir estas exigências, é necessário que a Instituição mantenha sempre vivo aquele dinamismo intrínseco que a leva a ser contemporânea do futuro, colocando-a de certo modo à frente da História.

O marco do Cinquentenário oferece agora a oportunidade de uma pausa para a revisão de posições. Estamos promovendo um projeto de reforma administrativa com a participação dos mais diversos setores da Instituição. Só uma reflexão ampla deste gênero poderá fornecer o diagnóstico certo para as correções de rota que levarão o IBGE ao horizonte 2000.

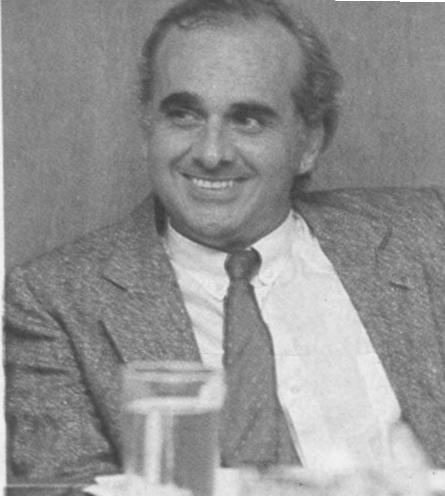
Não posso deixar de confessar que é uma alegria ser Presidente do IBGE no ano de seu Cinquentenário.

Assomam agora os Pais Fundadores, os grandes vultos que fizeram a Instituição nos tempos heróicos. Surge a multidão dos servidores, desde os agentes de coleta até aqueles que hoje manejam os poderes da Informática. Aparecem os usuários que exigem, criticam e eventualmente agradecem. Diante desta imensa comunidade sobre a qual se recortam representações cartográficas e estatísticas do País que éramos, que somos e que queremos ser, eu só tenho uma palavra-compromisso para a comemoração deste Cinquentenário:

Fidelidade à Transparência.



**REGIS BONELLI**  
Diretor-Geral



**ALEXANDRE DE AMARAL REZENDE**  
Diretor de Administração



**EDUARDO AUGUSTO DE A. GUIMARÃES**  
Diretor de Economia



**CHARLES CURT MUELLER**  
Diretor de Agropecuária,  
Recursos Naturais e Geografia



**ANTÔNIO CARLOS A. DE ATHAYDE**  
Chefe de Gabinete da Presidência



**CLÁUDIO LEOPOLDO SALM**  
Diretor de População e Social

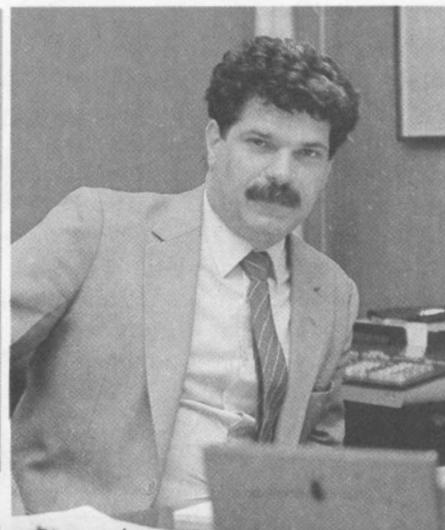
# O IBGE à procura de seu historiador

Fotos de Cristina Zappa

**SUZANA PINHEIRO M. MUELLER**  
Diretor de Formação e  
Aperfeiçoamento de Pessoal

**MÁRIO ALOYSIO TELLES RIBEIRO**  
Diretor de Informática

**MAURO PEREIRA DE MELLO**  
Diretor de Geodésia e Cartografia



A história do IBGE se confunde com o longo e difícil esforço do Brasil para tomar consciência de si mesmo como nação e como povo. Descrever este esforço é percorrer as grandes etapas da caminhada do País em busca de sua própria definição. Tarefa tentadora e gratificante. A tal ponto sedutora que causa espanto o fato de até hoje nenhum pesquisador de renome — ou simplesmente um universitário à procura de um tema inédito para tese — se ter deixado seduzir pela tentação de redigir uma monografia mais alentada sobre a Instituição. Tanto mais que a documentação parece farta e de acesso relativamente fácil. Fica aqui o registro. E a sugestão. De graça. Quem sabe se as comemorações do Cinquentenário não farão aparecer algum candidato...

É claro que uma história do IBGE não pode nem deve se confundir com uma crônica das atividades estatísticas e geográficas no Brasil, desde os tempos da Colônia até nossos dias. Um estudo deste gênero terá forçosamente de formular análises mais profundas sobre a evolução do conhecimento da população e do território nacional, até chegar à definição dos fatores que, por exigência de racionalidade, acabariam deflagrando o processo de fusão das atividades estatísticas e geográficas. Mas, por uma questão de facilidade e de pedagogia, vamos seguir, neste pequeno resumo, o roteiro mais fácil do desenvolvimento do saber estatístico e geográfico ao longo da vida brasileira.

### Entre a Cruz e a Espada

Esta história da caminhada do País em busca dos elementos que lhe permitissem formular uma definição de si mesmo como povo e como nação se inicia com as primeiras tentativas empreendidas pela Colônia para conhecer a dimensão de sua população e seu território. Neste sentido, os senhores do Império Lusitano não esqueceram as lições de seus antecessores romanos. O recurso aos censos periódicos ajudara Roma a assegurar seu domínio sobre as terras conquistadas. A aliança entre a Cruz e a Espada tornava as coisas ainda mais fáceis pa-

ra os conquistadores portugueses. Já em 1585, o Padre José de Anchieta tomara o cuidado de registrar o número de habitantes das capitanias em que exercia seu apostolado. E, ao final do século XVIII, por volta de 1776, outro eclesiástico, o Padre Corrêa da Serra, estimava em 1.900.000 o total da população da Colônia, entre brancos, índios e escravos africanos. Mas, para os especialistas atuais, estes primeiros levantamentos demográficos apresentam falhas gritantes. A Igreja e a Capitania tinham interesse em rebaixar um pouco o total de “fregueses” (fiéis) e dos “fogos” (lares), para retardar ao máximo o desmembramento das capitanias.

Com a instalação da corte portuguesa na Colônia, em 1808, teve início o primeiro arrolamento mais cuidadoso da população, cujo total seria então estimado em cerca de quatro milhões de habitantes. Dois anos mais tarde, Humboldt confirmaria esta avaliação.

### O Censo na história

Após a proclamação da Independência, o interesse da representação parlamentar deu um novo alento à estatística demográfica, porque o número de deputados passou a ser fixado em função do número de habitantes das Províncias. Em 1829 foi criada a primeira *Comissão de Estatística Geográfica, Natural, Política e Civil*. A curiosidade demográfica ganhava assim outras dimensões: já não bastava saber quantas pessoas moravam no país. As autoridades e os cidadãos queriam também maiores informações sobre o território habitado por essas pessoas, seu modo de vida, o comportamento profissional e religioso etc. Geografia e sociologia passavam a enriquecer o saber demográfico. Em 1830, em seu *Tableau Statistique du Brésil*, Malte-Brun registrava, para um total de 5.340.000 habitantes, 1.347.000 brancos, 2.017.000 negros, 1.748.000 mestiços e 228.000 índios. Em 1868, o Dr. Cândido Mendes de Almeida publica um *Atlas do Império* com um resumo demográfico de cada Província. Em 1871, criou-se uma Diretoria-Geral de Estatística, subordinada ao Ministé-



Da esquerda para a direita, Tulo Hostílio Montene Freitas e Giorgio Mortara: primeira linha do IBGE

rio das Relações Exteriores (??), incumbida de organizar mapas estatísticos de matrimônios, nascimentos e óbitos. Finalmente, em 1872, realizou-se o primeiro “recenseamento geral da população do Império”, que arrolou um total de 10.112.061 habitantes, dos quais 5.224.551 homens e 4.887.510 mulheres.

Este censo de 1872 representa um marco na história, senão da estatística, pelo menos dos recenseamentos no Brasil. Daí em diante os levantamentos censitários foram ganhando em sofisticação e as informações coletadas forneciam dados tanto sobre as características individuais dos habitantes como sobre a composição da família e do grupo doméstico, seu lugar na sociedade, classificação cultural e econômica etc. Com o advento da República, as atividades estatísticas, apesar de formalmente bem regulamentadas por lei, foram gravemente tumultuadas pelos distúrbios políticos. Só em 1907 é que o Professor José Luiz Saião Bulhões Carvalho iria reorganizar a Diretoria-Geral de Estatística. Em 1916 aparecia o primeiro volume do *Anuário Estatístico do Brasil* — publicação que acabaria se transformando no veículo de informações estatísticas mais importante do Brasil até hoje.

No decênio de 1920 a 1930 a ciência estatística atravessou uma fase de progresso notável. Logo no início dos anos 30, com o interesse despertado nos revolucionários pelos dados da Estatística da Educação, apareceriam os talentos que acabariam se unindo para a criação do IBGE.

Mas, antes de chegar lá, convém lembrar rapidamente os caminhos



gro, Waldemar Lopes, Rafael Xavier, Teixeira de Freitas em 1950 (foto e informações do Projeto Memória).

percorridos pela ciência geográfica no Brasil, para entender melhor como foi possível a fusão destes dois instrumentos de conhecimento dos povos e países — Geografia e Estatística — num mesmo Instituto.

### Começou com Cabral

Os especialistas costumam lembrar que a primeira atividade geográfica de que se tem notícia no Brasil data exatamente de dois dias depois da chegada de Pedro Álvares Cabral às praias baianas, quando parte da sua frota deixa Porto Seguro para explorar dez léguas de costa no rumo do norte. Mas, saindo da crônica para a história, foi durante a ocupação holandesa (1625-1654) que se registraram os primeiros grandes avanços do saber geográfico no território da Colônia. No início do século XVIII, dois sábios jesuítas, Diogo Soares e Domingos Capassini, empreenderam um trabalho notável, determinando mais de 200 latitudes, levantando toda a região compreendida entre o centro-oeste de Goiás e o porto de Laguna, em Santa Catarina.

O perigo de choque de interesses entre Portugal e Espanha acabou provocando o aparecimento da primeira carta geográfica oficial do Brasil: é o *Mapa dos Confins do Brasil com as Terras de Espanha na América Meridional*, datado de 1749. Os tratados de limites nos deixaram uma boa quantidade de plantas topográficas e coordenadas de inúmeros pontos do território nacional. Mas foi somente a partir de 1808, com a criação do Arquivo Militar e da Imprensa Régia, que começaram realmente os levantamentos cartográficos do País.

O resto da história, todo mundo conhece. Registrem-se apenas, para simples memória, a famosa *Cartografia do Brasil*, do Padre Manoel Aires do Casal, editada em 1817, e os trabalhos de notáveis sábios estrangeiros como Von Eschwege, Augusto de Saint-Hilaire, Von Martius, Von Spix, Halfeld e tantos outros. Em 1889, um professor de geografia do Colégio Militar do Rio, Francisco Inácio Homem de Melo, publicou um *Atlas do Império do Brasil*. A partir da primeira década do século vinte a ciência geográfica brasileira entra num processo de desenvolvimento espetacular, sobretudo depois da epopéia da Comissão Rondon no Mato Grosso e no Amazonas.

### Criação do IBGE

A idéia de racionalizar e coordenar as atividades estatísticas no Brasil, que já tivera em José Luiz Saião Bulhões Carvalho um extraordinário precursor, começou a ganhar corpo com a verdadeira obsessão acesa nos revolucionários de 30 pelo problema da educação das massas, vale dizer, o ensino primário obrigatório em todo o País. Àquela altura, os “congressos nacionais de educação” valorizavam sobremaneira a chamada “estatística educacional”, que não podia prescindir da “estatística territorial”, a qual, por sua vez, exigia uma sólida base de informação geográfica precisa e diversificada. Foi então que o Diretor do Serviço de Estatística Geral do Estado de Minas Gerais, Mário Augusto Teixeira de Freitas, preocupado com a situação de total desentrosamento entre as pesquisas estatísticas e geográficas no País, proclamou, em tom de oráculo, uma denúncia genial: “*O Brasil, lamentavelmente, ainda é um País que ignora quase tudo de si mesmo*”. E, no rastro do espanto provocado pela denúncia, ele sugeria a criação de um Instituto Nacional de Estatística e Cartografia, incumbido de coordenar todas as investigações estatísticas e geográficas no País, de modo a formar um sistema integrado que assegurasse aos estudos e pesquisas uma resultante nacional.

Francisco Campos, titular da Pasta de Educação e Saúde Pública, Juarez Távora, Ministro da Agricultura, e ou-

tras personalidades de peso se deixaram seduzir pela visão genial de Teixeira de Freitas. Mas logo se levantaram algumas vozes menores, e nem por isso menos influentes, contra a fusão de Cartografia e Estatística. Em agosto de 1934 o Governo Vargas criava o *Instituto Nacional de Estatística*, que só seria definitivamente instalado em 29 de maio de 1936, como órgão diretamente subordinado à Secretaria da Presidência da República. Um ano mais tarde, em março de 1937, a causa defendida por Teixeira de Freitas acabaria obtendo um triunfo espetacular: criava-se o Conselho Brasileiro de Geografia, incorporado ao Instituto Nacional de Estatística — incorporação que acabaria fundindo as duas siglas num só *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística*. E ASSIM NASCEU O IBGE.

### Um povo numeroso e mestiço

A Instituição comemora hoje seu Jubileu de Ouro. Ao longo desses 50 anos de vida o IBGE nos mostrou, pouco a pouco, as grandes estruturas de nosso perfil nacional: somos um povo numeroso, mescla das mais variadas determinantes étnicas e culturais. Vivemos num território imenso, onde os mais diferentes climas do Planeta acabam se fundindo na expressão de um tropicalismo criativo e contagiado. E, neste espaço que vamos conhecendo cada vez melhor, sentimos algum orgulho não confessado de servir a um IBGE cinquentão que não pára de nos ajudar a descobrir quem somos nós.

Podemos dizer, sem medo de excesso, que o IBGE nasceu da denúncia genial de Teixeira de Freitas. Cinquenta anos depois daquele brado, o conhecimento que temos de nós mesmos já nos permite programar um futuro que tem de dar certo.

---

Os elementos básicos deste artigo foram tirados do trabalho *O IBGE e Sua História*, de autoria de Jayci de Mattos Madeira Gonçalves, da Assessoria da Presidência. NOVA IMAGEM apresenta aqui à autora homenagem e agradecimento.

IRINEU GUIMARÃES  
Superintendente do CEDIT

---

Num diálogo-disputa terra/homem, homem/homem, o geógrafo trabalha sobre os fenômenos do espaço territorial e define os princípios do seu saber

# O HOMEM COMO CENTRO DAS ATENÇÕES NA VISÃO MODERNA DA GEOGRAFIA

*José César de Magalhães Filho*

*(Ex-Presidente da Associação de Geógrafos Brasileiros-Geógrafo da DEMAN)*

A Lei que criou o IBGE menciona formalmente, entre os objetivos que justificam a Instituição, a produção de informações geográficas necessárias ao planejamento econômico e social e à segurança nacional. É fácil concluir daí que os estudos e atividades que conduzem ao conhecimento específico do território nacional podem ser considerados indispensáveis para o cumprimento dos objetivos do IBGE. Em outras palavras: uma das finalidades essenciais da Instituição é o conhecimento do espaço brasileiro que é, na realidade, o verdadeiro laboratório da geografia nacional, a "ferramenta-mestra" do geógrafo.

Ao longo destes 50 anos de existência, a Geografia tem prestado ao IBGE uma contribuição substancial no que se refere ao conhecimento do território e sua divisão. E esta contribuição assume uma dimensão bem maior na medida em que se aprimoram os conceitos teóricos do saber geográfico.

Mas é claro que também o IBGE tem prestado serviços inestimáveis ao desenvolvimento da atividade geográfica nacional. Neste sentido, pode-se dizer que a Instituição tem sido uma escola de formação de geógrafos que foram disseminando suas experiências pelo Brasil inteiro, através das faculdades e muitos outros estabelecimentos de ensino. Convém não esquecer, no entanto, que o IBGE, ao surgir, já encontrou à sua disposição



Foto RADAM

Preservação do meio ambiente: uma das preocupações da Geografia hoje em dia. A cachoeira fica na Serra dos Pacaás Novos, em Rondônia, na cabeceira do rio do mesmo nome.



As regiões brasileiras continuam revelando surpresas aos estudiosos. Foto RADAM.



Homem, terra e paisagem: objeto das pesquisas geográficas.

Foto Cristina Zappa

inúmeras comunidades de especialistas bem organizadas, como a Sociedade Brasileira de Geografia e a Associação dos Geógrafos do Brasil, para citar apenas as mais antigas, onde conseguiu recrutar mestres de reconhecida competência para formar seus próprios servidores.

A obrigação de atender às necessidades imperiosas do IBGE acabou levando o saber geográfico brasileiro a rever e aperfeiçoar alguns princípios básicos, até mesmo no plano da pura teoria. Assim, por exemplo, a concepção que reduzia a função da Geografia a uma pura e simples "descrição da Terra", de acordo com o que insinua a própria etimologia do termo, foi se tornando insuficiente para esgotar o conhecimento dos fatos geográficos. Este saber não se limitaria mais a uma simples informação, embora absolutamente correta e exaustiva, dos chamados acidentes geográficos isolados. A Geografia passa assim a estudar, além da distribuição dos fenômenos físicos, biológicos e humanos sobre a superfície do Globo, as causas desta distribuição, as interações que a determinaram e as reações que a ordenam e coordenam.

---

### O homem sobre a Terra

---

Todo este grande discurso teórico foi enriquecendo a atividade profissional do geógrafo. Mas, para colocar as coisas com a máxima clareza, admitamos, para início de conversa, que todos concordam em que o saber geográfico procura essencialmente a *localização dos fenômenos no espaço territorial e sua extensão*. Num segundo momento, a Geografia descobre a importância da atuação do homem sobre este espaço, ou seja, sobre a superfície da Terra. Esta organização da ocupação territorial supõe uma corrente ininterrupta de ações e interações, num diálogo-disputa terra/homem, homem/homem que passa também a ser objeto do saber geográfico. Deste modo, o velho princípio da chamada "geografia sistemática", que limitava aos fatores naturais o condicionamento imposto ao comportamento humano em seu esforço para ocupar o território, ficava um



Uma obra rara produzida pelo IBGE: estudos sobre as cinco grandes regiões do Brasil.

Foto Paulo Villas Boas

tanto ultrapassado. E a preocupação da chamada "geografia regional", que se reduzia a uma apresentação tão correta e completa quanto possível dos simples dados físicos, começava a se mostrar incapaz de fornecer ao responsável pela comunidade o conjunto de elementos necessários para um planejamento racional da atividade humana sobre a superfície em que o grupo social tem de viver. Cabe aqui citar Nilo Bernardes: "Procurando colocar o homem como centro de suas atenções, a Geografia encara as condições naturais não tanto como fatos em si mas como características do espaço ocupado pelo homem. Desta maneira, sem abandonar seus princípios metodológicos clássicos, talvez mesmo reforçando-os, a Geografia nos dias atuais procura compreender a superfície da Terra como o resultado da organização do espaço pelo homem. Organização na escala global, bem como na escala continental, regional e local; organização não tanto política mas sobretudo de ordem social e econômica. Organização que nada tem de estática, que é dinâmica".

Desta forma, abordando todas as características do espaço e suas formas de organização, a Geografia tem participação essencial na análise das potencialidades do território de um estado-nação. A imaginação do geógrafo se deixa então seduzir pelo estudo da extensão total de um território, suas desigualdades físicas e demográficas, sua posição perante outras nações ou blocos econômicos, políticos e militares. A análise de todos estes elementos torna possível um planejamento lúcido e um tipo de ação mais racional.

---

### Recuo no tempo

---

Depois destas considerações de ordem geral, convém lembrar algumas características do desenvolvimento do saber geográfico no Brasil, ao longo destes últimos 50 anos.

A data permite avaliar a evolução da ciência de Humboldt no Brasil, desde os primeiros esforços de natureza puramente descritiva até às mo-

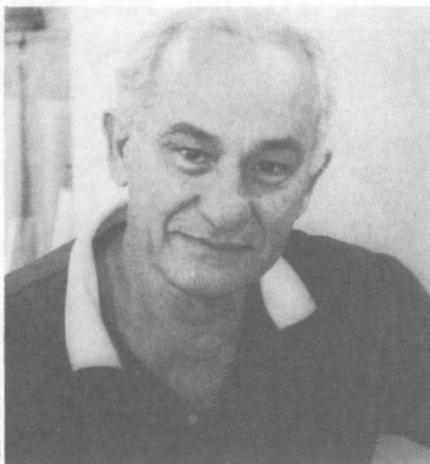


Foto Paulo Villas Boas

José César enfatiza a importância do saber geográfico.

dernas concepções de organização do espaço e de interpretação global da paisagem geográfica.

Para atender às exigências do texto em NOVA IMAGEM, fixaremos como limite de nosso recuo no tempo, no que respeita à análise da evolução dos trabalhos geográficos no Brasil, a data de 1934. Antes da criação do IBGE, a Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB) havia se transformado no verdadeiro órgão aglutinador da comunidade de pesquisadores em escala nacional, passando a ser assim a grande escola de produção geográfica. Este período é dominado pela figura extraordinária do geógrafo francês Pierre Deffontaines, pioneiro entre nós do processo do conhecimento geográfico sistematizado. Neste contexto, a criação do IBGE, em 1936, fez surgir uma situação absolutamente *sui generis*, que é difícil aos contemporâneos julgar com isenção de espírito. Àquela época, a grande obsessão do regime de Getúlio Vargas era o estabelecimento definitivo das bases da unidade nacional sobre o espaço brasileiro. Alguns críticos começaram a denunciar o Brasil de promover assim a produção de uma geografia oficial, comprometida com os interesses do poder, totalmente diferenciada da produção descomprometida daquela geografia que se praticava nos regimes liberais totalmente abertos aos vãos da inteligência e da imaginação criativa. A contestação desta denúncia ainda não encontrou sua formulação definitiva. Mas convém ressaltar também, por outro lado, que o IBGE

permitiu uma unificação dos trabalhos em escala nacional que abriu horizontes infinitamente mais largos para o desenvolvimento do saber geográfico.

---

### Influência da Europa

---

Após Deffontaines, outros geógrafos europeus vieram orientar os trabalhos dos geógrafos brasileiros. Lembremos apenas os nomes de Pierre Montbeig, Francis Ruellan e Leo Weibel, entre outros, que injustamente omitimos. O antigo Conselho Nacional de Geografia conseguira enviar estudantes para terminar seus cursos em universidades européias. Os mestres de além-mar podiam assim encontrar aqui alguns de seus ex-alunos. Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro lembra os métodos de ensino de alguns daqueles professores: "Ruellan desenvolvia seu trabalho sob disciplina militar. Os ensinamentos eram transmitidos hierarquicamente, do mestre através dos 'chefes de grupo'. Weibel, atuando junto a uma elite, preocupava-se com o treinamento de uma observação objetiva e profundamente atenta aos fatos no campo, complementando-a pela orientação sistemática e por discussões interpretativas muito cuidadosas nos seminários".

Ao lado da atuação desses pesquisadores de formação eminentemente geográfica, começou a aparecer a colaboração de pesquisadores de outras áreas, como economistas, engenheiros, naturalistas, historiadores e outros, entre os quais sobressai a figura de Caio Prado Junior, cujos trabalhos, especialmente os referentes ao povoamento do território brasileiro, mereceram atenção de muitos geógrafos do IBGE.

Nesta fase inicial da formação de nossos geógrafos não se pode esquecer a contribuição de professores como Delgado de Carvalho e Everardo Backeuser, empenhados em retirar a Geografia de sua fase descritiva. No campo da geografia oficial, preocupada com os estudos regionais e a divisão administrativa do Brasil, merecem destaque os trabalhos de Fábio Macedo e de Soares Guimarães. Vale lembrar que, no próprio IBGE, a Divisão

de Geografia organizava-se em 1948 em função da preocupação com a divisão regional do Brasil, como reflexo evidente da influência americana que procurava acentuar a oposição entre geografia sistemática e regional.

Depois da guerra, os primeiros orientadores europeus voltam a seus países de origem e são substituídos por bolsistas brasileiros que se haviam afeiçoado às novas visões do saber geográfico. Entre 1953 e 1955, surge uma leva de jovens professores cujas teses são verdadeiros mostruários das metodologias até então adotadas. Durante o governo de Juscelino Kubitschek (55-60), marcado pela euforia do Programa de Metas (50 anos em 5!) que acabou impondo uma verdadeira ideologia do desenvolvimento, a produção geográfica brasileira se viu de repente profundamente envolvida com a obrigação de fornecer insumos para o planejamento. Esta preocupação fica particularmente manifesta no trabalho dos geógrafos ligados à SUDENE, no Nordeste. Nesta época, o IBGE produz uma notável obra de conjunto sobre o território brasileiro: os volumes relativos às características territoriais das cinco grandes regiões do Brasil. Anteriormente, na administração de Jurandir Pires Ferreira, já se haviam produzido os trabalhos dos quais sairia o Atlas Geográfico de 1959. Registre-se de passagem o sucesso fantástico deste Atlas nas universidades e até mesmo no ensino secundário. Em 1966, apareceria o Atlas Nacional do Brasil, com metodologia mais moderna, até hoje sem sucedâneo.

---

### Mudanças

---

Depois da fase desenvolvimentista, registraram-se mudanças na concepção do espaço nacional. Estas mudanças iriam deixar marcas muito profundas na produção geográfica da década de 70, influenciada por modelos econômicos calcados sobre fórmulas quantitativas destinadas a justificar o planejamento em termos globais ou regionais. Aparecem vários trabalhos sobre "áreas polarizadas", "regiões homogêneas" etc., que atingem o auge do sucesso com a publicação da

*Divisão do Brasil em Micro-Regiões Homogêneas* (1968) e *Divisão do Brasil em Regiões Funcionais Urbanas* (1972). Como se lê no prefácio deste último trabalho, o então Departamento de Geografia "oferece aos planejadores, no que concerne à organização e regionalização do espaço brasileiro, novos subsídios válidos para as políticas de desenvolvimento local, regional e nacional".

Esta fase de estudos sobre as regiões brasileiras coincide com a introdução, no IBGE, dos métodos quantitativos que acabariam eliminando praticamente da formação dos geógrafos as experiências práticas da geografia de campo. A influência francesa cedia assim definitivamente o terreno à anglo-saxônica e começa a surgir a preocupação de alinhar artificialmente os geógrafos entre "tradicionalistas" e "quantitativos". É nesta fase que irrompe a violenta oposição entre geografia física e geografia humana. Mas, passado o tempo dos excessos, volta a calma e surgem as primeiras reações de ordem teórica à chamada corrente quantitativa.

O Terceiro Encontro Nacional de Geógrafos, realizado em Fortaleza entre 19 e 27 de julho de 1978 (que tive a honra de dirigir, na qualidade de Presidente da Associação de Geógrafos do Brasil), marcou a passagem da Geografia de modelos de cunho oficialista para uma Geografia que valoriza o grupo social e sua participação na organização do espaço. Vulgariza-se então a expressão "Sociedade e Estado" que vem caracterizando alguns trabalhos da atualidade.

---

### Meio ambiente

---

Em 1972, realiza-se em Estocolmo a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente. A velha geografia física, que havia sido rebaixada pelos chamados "geógrafos sociais" à condição de não-geografia, toma novo alento e começa a recuperar seu antigo prestígio. A Conferência de Estocolmo despertara a atenção dos especialistas para a dilapidação dos recursos naturais e para o grave problema da ação de diversas modalidades de poluição sobre o espaço terrestre.

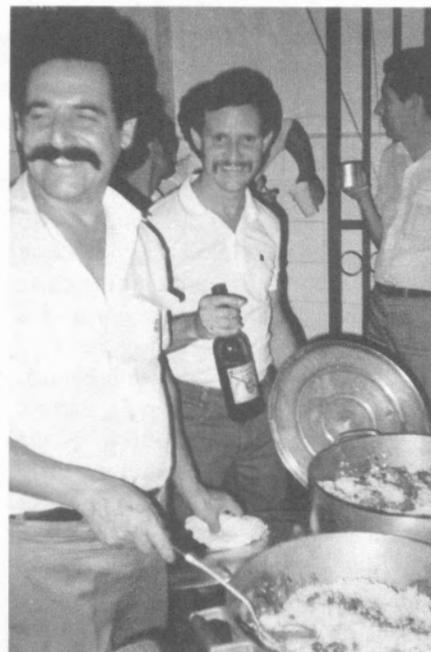
Como efeito da ação em cadeia que se manifestou em vários países, depois do Encontro de Estocolmo, o IBGE criou, em 1978, a Superintendência de Recursos Naturais e Meio Ambiente — SUPREN, que vem prestando valioso socorro aos geógrafos sociais, quando eles necessitam de embasamento físico para seus trabalhos de geografia humana. Exemplo eloqüente desta colaboração é a participação dos geógrafos da SUPREN na elaboração do Atlas do Maranhão e da Região Nordeste. E já está prevista uma nova colaboração nos trabalhos de publicação dos cinco volumes das grandes regiões brasileiras, que deverão substituir a coleção publicada na década de 60.

Ao encerrar estes comentários sobre a evolução da Geografia no Brasil depois da criação do IBGE, não poderia deixar de mencionar dois fatos que me parecem de suma importância para os profissionais do ramo e para o próprio País. A primeira observação se refere às tentativas de classificação dos geógrafos entre dois tipos opostos: os físicos e os sociais. A prática mostra que esta classificação não tem lá grande sentido e que pode até levar a resultados altamente negativos, quando se suprime a estreita colaboração entre as duas tendências. A segunda observação se refere à situação dos profissionais de Geografia dentro da comunidade acadêmica em geral e do próprio IBGE, em particular. Creio que ninguém põe em dúvida a importância do saber geográfico para o conhecimento da realidade nacional. Seria o momento de restituir à prática geográfica a posição que ela merece, reconhecendo aos profissionais da Geografia alguns direitos que eles conquistaram através de décadas de atividade apaixonada e ininterrupta.

A bibliografia utilizada para a redação deste texto foi essencialmente a de dois ilustres colegas geógrafos. A primeira corresponde ao trabalho de Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro: *A Geografia no Brasil (1934-1977). Avaliação e Tendências*, 155 págs. Universidade de São Paulo. Instituto de Geografia, SP, 1980. A segunda, ao trabalho de Lysia Bernardes: *Geografia e Poder Nacional*, publicado no número Ano XXVIII, n.º 3, julho-setembro de 1966, da *Revista Brasileira de Geografia*, pp. 267-281.

Dos pagos do Sul à caatinga nordestina; das matas amazônicas ao Planalto

# Quem não gosta de samba, bom sujeito não é



Claro está que nem só de trabalho a gente vive. A parte melhor, a que descontraí e relaxa, preparando a gente para a batalha do dia-a-dia, é exatamente o lazer. O grande etnógrafo norte-riograndense Luiz da Câmara Cascudo relata sobre uma tribo na Polinésia, que gastava a maior parte do que convencionalmente se chama "tempo útil" em jogos, brincadeiras e atividades agradáveis ao corpo e ao espírito. Enfim, em tudo aquilo que se compreende como lazer e prazer. O resultado é que entre as demais tribos do vastíssimo arquipélago da Malaia-Polinésia aquela era a que registrava maior longevidade e alegria de viver. Era ainda a que registrava maiores índices de produção e produtividade e a socialmente mais bem organizada, com o espírito de cooperação e de solidariedade muito desenvolvido. Foi assim até que culturas outras, considerando-se mais avançadas, foram lá acabar com aquela animação toda.

Bom, nós não somos polinésios, vivemos num outro tipo de sociedade, são outras as nossas formas de empreender a batalha do dia-a-dia (que, para eles, nem seria propriamente uma batalha). Mas nem por



O riso, a alegria, a bebida, o pagode. Precisa mais para armar uma boa festa?

isso deixamos de ser tão humanos como aqueles espertíssimos polinésios. Nem menos necessitados de alegria, bom humor e felicidade.

Coisas que a gente pode até encontrar no próprio trabalho, dependendo de qual ele seja. Segundo muitos veteranos do IBGE, há pelo menos um tipo de atividade profissional nossa que não raro resulta em alegria e satisfação, até pelo elemento de aventura que entra neste traba-

lho: é a pesquisa de campo, que conduz seus agentes a situações às vezes inesperadas, quando eles buscam numa curva de rio, nos altos de uma montanha, nas bordas de um lago as marcas e os marcos do Brasil.

Nós lançamos uma pergunta aos companheiros por todo o País: quando você não está no IBGE, como é que você se diverte?

Joga futebol? Vai a baile?

## o Central, todo mundo quer se divertir. Afinal, como declara Caymmi,

Freqüenta clubes? Lê? Curte uma praia? Por aí.

As respostas foram variadas, sugestivas, algumas delas muito bem-humoradas, outras tantas impublicáveis, mas sempre muito eloqüentes.

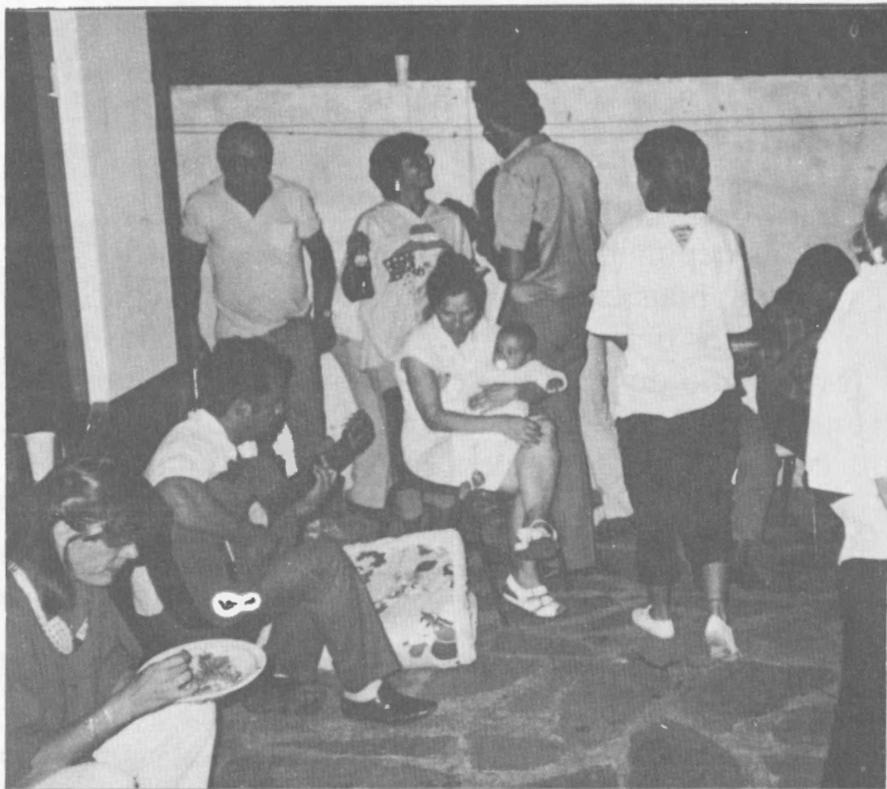
Nossos colegas do IBGE gostam das suas próprias associações, aquelas que reúnem a turma de sempre para um joguinho, uma cerveja amiga ou, simplesmente, um bate-papo. Multiplicam-se pelo Brasil as Associações de Funcionários com finalidades puramente recreativas. O que é ótimo.

O pessoal do Sul gosta de participar de grupos e danças folclóricas. Em São Paulo, todo mundo é chegado a uma "pelada", um pagode de samba ou forró, uns chopes gelados. Evidentemente acompanhados de pizza. Nas planuras do Brasil Central e pelos pantanais e capões mato-grossenses o "samba" já é outro: o pessoal aprecia uma caça, ou as longas pescarias. Atividades que dão origem a histórias inacreditáveis. E, naturalmente, verdadeiras.

Agora, de norte a sul do País, o ponto universal de encontro dos ibgeanos é o bar. Em Salvador, por exemplo, os nossos bons baianos baixam no Palheta, no Top Burg, no Boca. No Acre, o Bar da Diva, que fica perto da Delegacia, em Rio Branco, já foi até rebatizado: Bar do Linguarudo, referência ao permanente ti-ti-ti dos ibgeanos locais pelas mesas e balcões. No Rio, lazer é, mais ou menos, sinônimo de samba. E de bar. O carioca típico concorda com o baiano Dorival Caymmi: "Quem não gosta de samba, bom sujeito não é".

A Unidade Mangueira, do IBGE, fica bem ao lado da quadra da Estação Primeira de Mangueira, escola campeã do carnaval carioca, plantada na subida do morro de mesmo nome. Ao lado da escola há o Bar do Bigode. Já viu que não precisa dizer mais nada. É só chegar.

NOVA IMAGEM, maio/1986



Desde pequeno aprendendo o que é bom: o violão a embalar a seresta do pessoal de Goiás.



Foto de Cristino Zappe

Na Mangueira, no Rio, ninguém dispensa o samba. Nem o popular jogo de porrinha.

# Nossa presença nos estados

Alguns depoimentos são comoventes, cheios de calor; outros, mais cautelosos; outros, bastante contidos.

Muitos deles francamente dramáticos. Mas no testemunho dos vinte e seis Delegados Regionais, para este número especial do Jubileu, a gente se surpreende com o retrato em tintas fortes da Instituição e seu desempenho, nos estados, nos dias de hoje.

Um Brasil nu e cru. Esse é o País com que lidam as nossas administrações regionais. As cores e os cheiros da Pátria. Colhidos, não raras vezes, sob condições muito difíceis. Sob riscos inimagináveis. Quantas epopéias heróicas se desenrolam sob o verde das matas amazônicas, pelas roças dos planaltos, pelos caminhos dos garimpos, ao longo dos rios? Numa imagem romântica, as Delegacias Regionais vão recolher, na própria veia da terra, as pulsações do País.

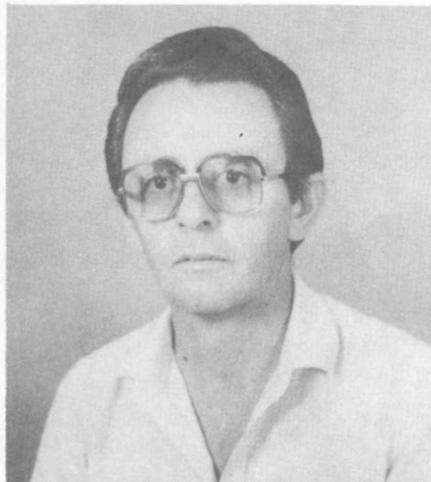
Para este número tão especial de NOVA IMAGEM, quando nossa revista se converte num dos documentos mais importantes do Cinquentenário, fomos aos Delegados colher breves depoimentos do dia-a-dia, do jeito de ser de cada Delegacia. Dessa forma, as gerações futuras não irão ignorar quem eram, neste ano da graça de 1986, os timoneiros dos nossos barcos em cada uma das vinte e seis Unidades da Federação. Onde se recolhe o perfil indistigável do brasileiro.



**JOSÉ FRANKLIN CASADO DE LIMA, Delegado em Alagoas**

"O maior problema é conseguir a colaboração do informante. Poderia haver um trabalho psicológico para que a população se sentisse mais inclinada a colaborar. Ainda tem muita gente que não vê a Estatística como uma ciência importante para o País."

 **REGIÃO NORDESTE**



**HELDER DE ARAGÃO ARAÚJO, Delegado no Piauí**

"Há lugares onde os meios de comunicação não chegaram e os informantes ficam desconfiados quando vêm o recenseador. Pensam que querem catalogar seus bens para onerar os impostos. Mas, apesar das dificuldades, já concluímos o Censo e a nossa Delegacia tem festa a 30 de maio para comemorar o Cinquentenário."



**ANTÔNIO AUGUSTO LEITE DE CASTRO, Delegado no Ceará**

"Estamos conscientes dos novos tempos. Lutaremos pelo bem geral de nossa Instituição, torcendo acima de tudo pelo fortalecimento das Unidades Regionais, através da descentralização administrativa."



**HÉLIO DE CALDAS BARROS, Delegado na Paraíba**

"Dediquei minha vida ao País e ao IBGE. Foi meu único emprego. Acho meu trabalho lindo e necessário. Agora que estou perto de sair, só tenho uma coisa a dizer: gostaria de começar tudo de novo."



**ARTUR FERREIRA DA SILVA FILHO, Delegado na Bahia**

"Trabalhei dezessete anos como Agente de Coleta e as dificuldades de locomoção eram grandes. Em 55 e 56 tínhamos que percorrer municípios a cavalo. Mesmo hoje em dia o principal problema do nosso estado é a falta de infraestrutura: faltam estradas e meios de comunicação."



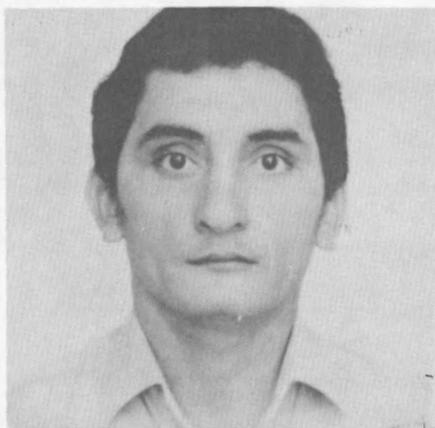
**ERIBALDO DE CARVALHO PORTELA, Delegado em Pernambuco**

"Para fazer o Censo Agropecuário em oito municípios — são, ao todo, doze mil e setecentos quilômetros quadrados — conto apenas com dois funcionários. O que é que eles fazem? Fazem milagre. Trabalham sábado, domingo, feriado."



**HÉLIO CÉSAR DE ANDRADE, Delegado no Rio Grande do Norte**

"O papel da Delegacia, de fornecer matéria-prima, é como a seiva de uma planta que alimenta seus frutos."



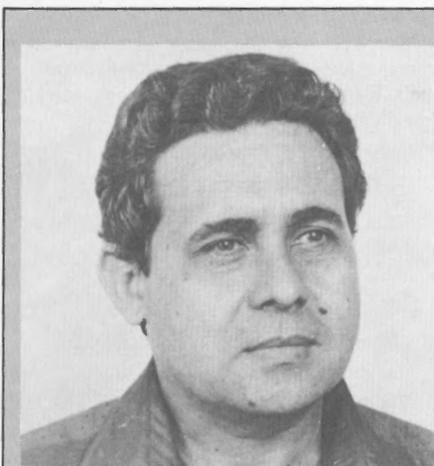
**CALVINO ALMEIDA VIEIRA, Delegado no Maranhão**

"Aqui é como na guerra. Enfrentamos chuvas, inundações, tudo, mas o trabalho não pode parar. Às vezes as linhas de ônibus são suspensas e os Agentes de Coleta têm que ir a pé ou no lombo de animal."



**ALVACYR ALMEIDA, Delegado em Sergipe**

"Temos as nossas limitações mas mesmo assim nos esforçamos o máximo. As chuvas atrasaram a conclusão do Censo Agropecuário, então a gente trabalha mais ainda, para compensar."



**JOSÉ WAGNER REBOUÇAS LINS, Delegado no Amazonas**

"No meu estado o trabalho teria que ser um pouco diferente, essa é a minha opinião. Por exemplo: os Censos Agropecuário e Econômico poderiam ser feitos na mesma época. Aí, quem fosse tratar de um trataria do outro também."



**CARLOS ALBERTO LOPES, Delegado no Pará**

"Na Amazônia as dificuldades são imensas. É inferno verde mesmo. Chove sem parar desde dezembro, há lugares embaixo d'água. Em Paragominas, a 309 quilômetros de Belém, um recenseador está perdido desde o dia 20 de janeiro. Ele teve que ir a cavalo até lá e não sabemos se está vivo ou morto. Nosso trabalho exige que a gente atravesse zonas malditosas, áreas indígenas, regiões litigiosas. Mas a gente vai lá."



**GLABER GAMAZ DE MAGALHÃES, Delegado em Rondônia**

"Com a fibra ibgeana enfrentamos tudo: malária, enchentes, hepatite. Sabemos que o nosso trabalho é vital para o estado. Tenho orgulho em dizer que a nossa Delegacia vem prestando ao governo estadual assistência de primeira linha, inclusive ajudando na criação de novos municípios."



**JOÃO DE OLIVEIRA AVELINO, Delegado no Acre**

"O acesso a duas Agências — em Cruzeiro do Sul e em Paraócabá — só pode ser feito por táxi aéreo. O risco é sair e não chegar lá. Nas últimas três semanas dois táxis aéreos caíram e sete pessoas morreram. Mas nossos funcionários já estão acostumados a enfrentar esses problemas."



**GERINO ALVES DA SILVA FILHO, Delegado no Amapá**

"No Amapá, como no Norte em geral, a luta é braba. O arquivo da Delegacia até se perdeu por causa da peste-cupim. Pior é a malária. Há regiões que, quando o Agente chega, encontra as casas dos garimpeiros fechadas. A amarela baixou por lá. Ou então a família inteira está no garimpo."



**JOSÉ MARIA DOS SANTOS SERRÃO, Delegado em Roraima**

"Aqui em Roraima cada um de nós é médico de si mesmo, uma vez que o contato com a malária é inevitável. A gente só vai à SUDAM tomar medicamento e volta para trabalhar, porque somos poucos e o serviço não pode esperar."

**REGIÃO NORTE**



**PAULO AFONSO DE ARAGÃO ARAÚJO, Delegado no Espírito Santo**

"Tenho grandes esperanças na Reforma Administrativa que está para acontecer e que vai marcar este ano do Cinquentenário. Acho que deve começar pela base, com atenção especial ao Agente de Coleta."



**ADOLFO FREJAT, Delegado no Rio de Janeiro**

"Já poderia estar aposentado há dez anos, mas, enquanto tiver forças para produzir, continuarei no IBGE. Aqui somos uma grande família."



**DAVID WU TAI, Delegado em São Paulo**

"Na nossa DEGE todo trabalho recebe tratamento prioritário. Temos que refletir o estado que representamos. E São Paulo não pode parar."



**ANTÔNIO UTSCH MOREIRA, Delegado em Minas Gerais**

"Quero destacar o trabalho da rede de coleta, com 142 Agências para os 722 municípios do estado. O trabalho dos Agentes de Coleta merece um reconhecimento maior, um carinho maior. Eles são como São João Batista no deserto."

**REGIÃO SUDESTE**



**WILSON XAVIER PEDRO, Delegado no Paraná**

"Acho que as Delegacias deveriam passar por uma mudança administrativa, para serem mais eficazes."



**JUCELY LOTTIN, Delegado em Santa Catarina**

"Nossa expectativa é que com a Reforma Administrativa o IBGE passe a cumprir seu papel ainda com mais eficiência, com maior disponibilidade de informação a nível regional."



**GERVÁSIO RODRIGO NEVES, Delegado no Rio Grande do Sul**

"Quem colhe informações deve ser também crítico de informações. Para isso precisamos de um treinamento sistemático dos funcionários e de pessoas qualificadas. No momento fazemos uma tentativa de descentralização. Nossa DEGE é procurada principalmente pelos órgãos de pesquisa das universidades e do estado, já que somos a raiz da coleta e do grau de significância do levantamento."

**REGIÃO SUL**

**A Resolução n.º 191, de 18 de agosto de 1944, criou em cada Unidade da Federação uma Inspeção Regional das Agências de Estatística. Foi a origem das atuais DEGES. Hoje em dia a rede completa é formada por vinte e seis Delegacias e 831 Agências que, até 31 de dezembro do ano passado, cobriam 4.107 municípios em todo o território brasileiro.**



**RAIMUNDO ROCHA, Delegado em Brasília**

"O meu trabalho no IBGE atende a todo o meu anseio profissional. Procuo executar as minhas tarefas dentro do prazo estabelecido, colocando muito amor em tudo que faço."



**DELVALDO BENEDITO DE SOUZA, Delegado em Mato Grosso**

"São muitos os sacrifícios que os recenseadores têm que passar em prol do desenvolvimento do País. E muitos ainda não dão aos recenseadores o valor que eles merecem."



**ANTÔNIO FIRMINO DE OLIVEIRA FILHO, Delegado em Mato Grosso do Sul**

"O papel das Delegacias é, atualmente, o de entreposto de coleta de informações. É uma peça fundamental do IBGE. Com a Reforma Administrativa acredito que as Delegacias venham a ter mais participação na vida de seus estados."



**CRISTOVAM DE PAULA TAVARES, Delegado em Goiás**

"Sou funcionário do IBGE há 32 anos e desde que assumi a Delegacia procurei o apoio da Administração Central para reequipar a rede de coleta com móveis e utensílios, para dar mais conforto às Agências. Nosso entrosamento é grande com as prefeituras dos estados, já que as nossas pesquisas abrangem economia, cultura e também os níveis políticos do estado."

**REGIÃO CENTRO-OESTE**

*A qualidade das pesquisas e das metodologias permite um conhecimento cada vez mais exato da realidade nacional*

# Estatística

## dados para o Brasil que a gente quer

Qualquer estudioso que procure acompanhar a história da Estatística através dos tempos perceberá que ela acabou se transformando num instrumento de conhecimento indispensável para a boa gestão da coisa pública. A atividade estatística fornece aos governos dados precisos sobre o perfil de um país.

Já no tempo do Brasil Colônia, a Coroa Portuguesa demonstrou a preocupação de conhecer melhor a realidade das terras recém-descobertas. A princípio chegaram missões encarregadas de desbravar a costa, estudando-lhe as dimensões e a potencialidade de produção. Os relatos dos levantamentos efetuados por navegantes e mercadores que passavam por terras brasileiras em suas viagens entre a Metrópole e as Índias convenceram Lisboa de que valia a pena investir na colonização. Intensificou-se então a migração de portugueses para as terras de Santa Cruz.

A instalação desta corrente migratória acelerou a implantação da indústria açucareira na Colônia. Os Governadores-Gerais logo sentiram a necessidade de um conhecimento mais exato da terra, sua gente, costumes e produções. Os registros, memórias, levantamentos e contagens efetuados na época colonial, apesar de falhos, especialmente no que se refere à periodicidade e definição dos conceitos, permitem reconstituir, com certa fidelidade, passagens importantes da história da civilização brasileira.

### A primeira Sociedade Brasileira de Estatística

Com a transferência da Corte para a Colônia, em 1808, as atividades es-

tações sobre todos estes setores, embora de maneira um tanto desorganizada.

**Manuel Antônio Soares da Cunha**  
(Presidente da Sociedade Brasileira de Estatística e Superintendente da SUAGRO)

tatísticas conheceram uma fase de pleno aquecimento: contam-se habitantes, prédios, fortificações, dimensão dos rebanhos, embarcações e todos os itens necessários à segurança e manutenção do Governo. Os informes econômicos e demográficos ficaram, entretanto, prejudicados pelos tumultos que antecederam e sucederam a Proclamação da Independência. Mas as Memórias de Governadores de Província, de Comandos Militares e os diários de viajantes estrangeiros iriam nos legar preciosas infor-

mações sobre todos estes setores, embora de maneira um tanto desorganizada.

Em 1854, a Sociedade Auxiliadora de Indústria Nacional tomou a iniciativa de criar a Sociedade Brasileira de Estatística, que recebeu apoio imediato e pleno do Imperador Dom Pedro II. A estatística nacional ganhava assim um horizonte novo e passava a despertar interesse entre figuras ilustres dos meios políticos e culturais. Os levantamentos começam a tomar mais a sério os critérios científicos de periodicidade e comparabilidade. Chegou-se assim ao primeiro Censo da População, realizado em 1872, já sob a responsabilidade da Diretoria-Geral de Estatística, criada pelo Governo Imperial. Entre 1872 e 1930, a atividade estatística atravessa no Brasil uma linha de desenvolvimento extremamente acidentada, com avanços, retrocessos, entusiasmos e descréditos.

### A criação do IBGE

A grande recessão que abalou o Ocidente em 1929 teria repercussões sensíveis no Brasil, que logo no ano seguinte via explodir a chamada Revolução de 30. Problemas como a educação das massas, os controles de produção etc. acabaram levando os estatísticos brasileiros a um estágio bem mais adiantado. A necessidade de pôr fim aos fracionamentos dos trabalhos e à multiplicidade de órgãos que se entregavam, independentemente uns dos outros, a tarefas idênticas, acabaria levando os responsáveis a criar um Instituto Nacional de Estatística. Fundado por lei de 1934, o novo Instituto só seria instalado ofi-



Foto de Arquivo

Pelé, Rildo e Carlos Alberto participaram da campanha do Censo de 1970.

cialmente em 1936. Dois anos depois ocorreria a fusão com a Geografia. Nasceu então o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. A partir daí foi possível coordenar os trabalhos estatísticos efetuados em todo o território nacional: o IBGE passa a comandar todo o sistema estatístico, nas áreas federal, estadual e municipal. Esta coordenação permite uma padronização de conceitos e critérios. Os inquéritos ganham dimensão nacional e o Anuário Estatístico do Brasil toma sob sua responsabilidade a publicação oficial dos informes, eliminando os outros instrumentos de divulgação. Os levantamentos independentes, que muitas vezes apresentavam resultados divergentes, acabavam sempre comprometendo a credibilidade dos inquéritos ou provocando tomadas de decisões baseadas em dados incorretos.

---

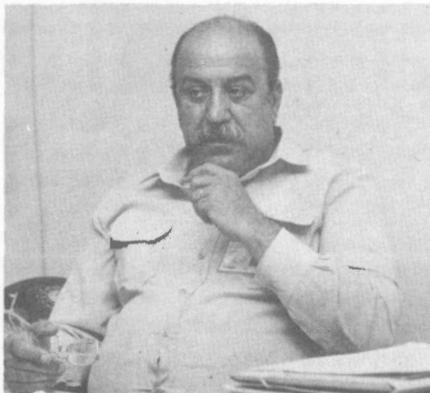
**“Se o Brasil fizer a estatística que deve ter, a Estatística fará do Brasil um país como ele deve ser”**

---

Em 1938, os estatísticos brasileiros já estavam se preparando para o recenseamento geral da década seguinte, quando sentiram a falta de mapas municipais no País. O Governo Federal determinou aos prefeitos que procedessem ao levantamento das plantas de seus municípios. Este mapeamento iria promover um progresso notável nos trabalhos de coleta. A definição correta das bases geográficas eliminava inúmeros equívocos.

Os acontecimentos mundiais acabariam levando o continente americano a se envolver no conflito instalado desde 1939 na Europa. O Brasil entraria na guerra em 1942. Este fato iria provocar uma necessidade imediata de revisão dos levantamentos estatísticos. Cria-se então o Serviço de Estatística para Fins Militares, altera-se a estrutura do Conselho Nacional de Estatística, instalam-se as Inspetorias Regionais e as Agências de Estatística Municipal. O IBGE assume os encargos da coleta de todos os inquéritos estatísticos. Alguns sábios europeus de grande valor, como Giorgio Mortara, se asilam no Brasil. Começa finalmente a se tornar realidade a grande intuição de Teixeira de Freitas: “Faça o Brasil a estatística que deve ter e a Estatística fará o Brasil como deve ser”.

O esforço de guerra provocou um aprimoramento geral dos levantamentos estatísticos. O País começou a conhecer melhor seu próprio território, os modos de ocupação e suas próprias potencialidades. O fim da guerra e a redemocratização encontravam um País radicalmente transformado com o desenvolvimento extraordinário dos transportes rodoviário, aéreo e marítimo, e com a mudança de mentalidade. Certos “Planos” instalados durante o Governo Dutra teriam conseqüências apreciáveis para a vida nacional. Foi o caso, por exemplo, do chamado Plano



Manuel Antônio: “Além dos censos, estamos trabalhando em sessenta pesquisas”.

SALTE — Saúde, Alimentação, Transporte e Educação. Ao mesmo tempo dava-se continuidade à Marcha para o Oeste (Goiás e Mato Grosso), ao Plano Energético (Paulo Afonso) e à Indústria Siderúrgica (Volta Redonda).

---

### Presença da Estatística

---

Ao longo de todas estas alterações a presença do IBGE se faz sentir de maneira marcante. Os inquéritos procuram captar, com uma correção cada vez maior, os dados sobre a realidade nacional. O Censo Geral de 1950 já dispõe de formulários mais adequados, que facilitam o trabalho dos Agentes de Coleta e dos Tabuladores. Aparecem os primeiros resultados da aceleração do êxodo rural: sintomas de graves desordens no crescimento das grandes cidades, diminuição da mão-de-obra nos estabelecimentos agrícolas, fracionamento excessivo do setor (55% das unidades com menos de 10 ha), baixa produtividade agrícola, elevado número de trabalhadores marginais (Carteira de Trabalho não assinada).

Com a morte de Vargas e o surgimento de Juscelino Kubitschek, o País entra na fase que podemos chamar de euforia do desenvolvimento. Àquela época, o DASP (Departamento Administrativo do Serviço Público) transforma o IBGE em entidade autárquica. A Instituição, que após um período de grande prestígio já começava a apresentar alguns sintomas de queda, vê diminuir mais ainda sua capacidade de gerir o Sistema Estatístico Nacional. Uma política salarial mesquinha provoca a evasão de grande número de técnicos de reconhecido prestígio. A situação da estatística brasileira começou a ficar tão preocupante que a Confederação Nacional da Indústria e o Instituto Roberto Simonsen para o Desenvolvimento Econômico trataram de promover uma convocação geral para o I Seminário Nacional de Estatística, realizado em dezembro de 1958 no Rio de Janeiro. Desta promoção participaram o IBGE, a Confederação Nacional da Indústria, a Confederação Nacional do Comércio, os serviços especializados das Forças Armadas e grande número de representantes de outras instituições públicas e privadas. Durante o Seminário estabeleceu-se um diagnóstico completo do Sistema Estatístico Nacional. Aproximava-se o Recenseamento Geral de 1960. A situação não era nada animadora. A economia em crise, com a inflação entrando em espiral ascendente cada vez mais incontrolável, dificultava a aplicação dos remédios indicados pelo Seminário.

Neste período, os técnicos continuavam a se bater pela adoção, nas pesquisas e inquéritos, da metodologia da chamada Amostragem Probabilística, e era necessária a formação de técnicos e agentes em cursos específicos, tanto no Brasil como no exterior. Em maio de 1959, efetuou-se o Censo Experimental de Brasília, que permitiu os primeiros testes de campo. A experiência foi um sucesso. A técnica de amostragem foi aplicada na coleta do Censo Demográfico de 1960 e em parte do Censo Agropecuário (valor dos Bens e Despesas).

---

### A história de um censo tumultuado

---

Para o Recenseamento Geral de 1960, a direção do IBGE resolveu adquirir um computador de grande por-

te (UNIVAC-1.105) que permitiria eliminar certas etapas do trabalho de apuração. Ocorre que simplesmente o processo não funcionou: o computador mostrou-se totalmente inadequado e a verba gasta na aquisição do equipamento acabou comprometendo seriamente outras despesas indispensáveis para a conclusão do censo. Vale registrar que, apesar dos percalços, o Recenseamento Geral de 1960 acabou produzindo informações de extrema utilidade para os órgãos de planejamento. No Censo Demográfico, por exemplo, levantaram-se dados praticamente inéditos sobre migrações, mão-de-obra, instrução, desemprego e renda. Além disso, estabeleceram-se os primeiros subsídios para a implantação da Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílios e para o Censo Escolar de 1964. No que concerne ao Censo Agropecuário, as informações sobre cadastro e dados estruturais permitiram a realização de debates que culminaram com a lei que regulamenta o Estatuto da Terra no Brasil. E finalmente o Censo Industrial forneceu subsídios indispensáveis para a reformulação implantada nas Pesquisas Industriais Mensal e Anual.

O relativo fracasso do Censo de 1960 levantou uma onda de descrédito sobre o IBGE. Por outro lado, o aviltamento dos salários dentro da Instituição e a falta de horizonte para os técnicos e especialistas contribuíram para o agravamento da crise. Finalmente, em 1967, com base nas Recomendações do I Seminário de Estatística de 1958, um decreto do Governo transforma o IBGE em Fundação.

### A recuperação do prestígio

Os trabalhos preparatórios para o Recenseamento Geral de 1970 revelaram que era necessário revisar, corrigir e atualizar imediatamente a base cartográfica dos municípios. Em 1968, realiza-se uma Conferência de Estatística (I CONFEST) em que todos os órgãos produtores e usuários das estatísticas do IBGE são convidados a apresentar críticas e sugestões com vistas ao censo que se aproxima. Com base nestas sugestões e críticas, preparam-se os formulários e as respectivas instruções, treinam-se os Agentes de Coleta e os Recenseado-



Foto de Arquivo

Este Computador UNIVAC-1.105 foi responsável por inúmeras complicações no Censo de 1960. Foi um "cérebro" que não funcionou...

res. Os resultados foram apurados com relativa rapidez e apresentaram certos aspectos da realidade nacional bastante preocupantes: a taxa de migração atingiu índices elevados demais, a alfabetização não progrediu no ritmo oficialmente anunciado, a maioria da população economicamente ativa recebia menos que o salário mínimo e só uma pequena parcela da população tinha apresentado condições de habitação condigna.

A agilidade na apuração e qualidade dos resultados redimia um pouco o IBGE do descrédito em que caíra a Instituição. O sucesso do Censo Demográfico foi plenamente confirmado pelo dos Censos Agropecuário, Industrial, Comercial e de Serviços. A tudo isto deve-se também acrescentar a elaboração da Matriz de Relações Intersectoriais e a pesquisa denominada Estudo Nacional da Despesa Familiar, realizada de agosto de 74 a julho de 75. Pela primeira vez se obtinham resultados completos sobre a estrutura do consumo, capacidade de poupança e padrão de nutrição da população brasileira.

Atualmente, o IBGE é responsável pelo planejamento, preparo, coleta, apuração e divulgação de cerca de sessenta pesquisas, excluídos os censos. Entre elas incluem-se os índices mensais de Produção Industrial, Pesquisa de Emprego (e Desemprego), Índice de Preços ao Consumidor e Previsão de Safras. Estas quatro pesquisas de vasta repercussão medem os fatores estruturais e conjunturais que afetam diretamente o comportamento da economia nacional. Todas

elas recebem um tratamento preferencial e dispõem de equipes próprias, pois a periodicidade mensal exige um esforço continuado para respeitar os prazos sem comprometer a qualidade das informações.

É evidente que os resultados apresentados pelo IBGE não deixam de criar polêmicas, por vezes bastante aceras. Existem, com efeito, outras entidades que fazem levantamentos idênticos, mas com outras metodologias, outra periodicidade, e em outras áreas de abrangência, o que leva naturalmente a resultados diferentes. Estas divergências dão margem a discussões que, finalmente, acabam sendo extremamente úteis para a informação dos dirigentes e do público. Convém recordar também, neste plano específico, que todos os setores da vida nacional costumam formular prognósticos e expectativas, baseados em dados nem sempre cientificamente perfeitos. Quando os resultados das pesquisas não coincidem com os prognósticos, há sempre lugar para intermináveis discussões.

Mas o que se pode garantir, com toda objetividade, nestes primeiros tempos do novo País que surgiu do Plano de Estabilização Monetária, é que o IBGE vai reconquistando o lugar que os "País Fundadores" lhe garantiram no cenário nacional. E podemos repetir, para concluir, que a intuição genial de Teixeira de Freitas vai se tornando cada vez mais realidade:

— "Se o Brasil fizer a estatística que o País deve ter, a Estatística fará do Brasil o País que ele deve ser".

Quando ele chegou,  
os tempos eram heróicos. Hoje,  
tantos anos depois, se emociona e quase chora  
ao contar a sua história

# SEU EDEGAR o número um

Foto de Paulo Villas Boas

**Baixinho e moreno, gestos comedidos, um rosto com traços de índio, desses que não envelhecem nem denunciam a idade. As rugas são poucas. Ainda assim, contam a história de cinquenta anos do IBGE. Seu Edegar da Rocha tinha 16 anos quando aqui entrou, trazido pelo próprio Teixeira de Freitas. Aos 67 anos, tem muita história para contar. "Fui o primeiro contratado. Os que trabalhavam no IBGE antes de mim eram emprestados por outros órgãos do Governo."**

**—** Eu nasci em Ladária, em Mato Grosso do Sul, e vivi durante 13 anos com minha mãe e meus três irmãos. Ela era lavadeira e nós tínhamos uma vida muito difícil. Por isso, aos 14 anos, quando minha mãe morreu, eu vim para o Rio de Janeiro ganhar a vida.

## Quais eram os seus planos?

— Quando eu decidi viajar tinha a intenção de entrar para a Marinha. Por isso vim para o Rio com a família de um capitão-de-corveta. Mas quando cheguei aqui mudei de idéia. Tive diversos empregos, desde entrega de roupas para uma tinturaria até um trabalho numa tipografia, onde eu já estava aprendendo a compor. Nessa época encontrei um tipo, que me arranhou o emprego no IBGE, na parte de serviços gerais.

## Quando foi isso?

— Em 2 de janeiro de 1937. Eu fui o primeiro funcionário a ser contratado, os outros eram funcionários emprestados de ministérios.

## E como foram esses primeiros tempos?

— Eu comecei no Edifício de *A Noite*, na Praça Mauá. Trabalhava na parte interna como servente e também fazia serviços externos, de entrega de correspondência do IBGE nos ministérios e na imprensa. Em 1938 fui deslocado para o prédio da Praia Vermelha onde estava concentrado o pessoal que ia trabalhar no Censo de 1940. Fiquei como chefe de portaria. Tenho uma lembrança muito boa dessa época, pois foi quando conheci a minha mulher. Ela morava em frente. Nós começamos o namoro e eu acabei conseguindo um trabalho para ela no Censo. Casamos e ela continuou a trabalhar até nascer o nosso primeiro filho.

## E depois?

— Eu fiquei na Praia Vermelha até 1945. Nessa época houve uma



mudança na administração e surgiu uma oportunidade de trabalhar na Sede com um salário um pouco melhor como chefe de portaria, onde fiquei até 1960. Depois fui para a livraria onde trabalhei até 1984, quando me aposentei.

## Como era o IBGE naquela época?

— Ah, naquela época isso aqui era uma família. O número de funcionários era pequeno e as pessoas se conheciam, eram amigas de verdade. Tanto chefes como funcionários saíam para almoçar juntos, havia uma ligação maior entre todos. Eu me lembro bem que quando chegava o fim do ano colocava-se um cartaz na portaria do edifício da sede com a relação de promoções. Isto foi por volta de 1945. Era ótimo. Todos ficávamos aguardando essa época, pois era uma felicidade geral. Lembrando essas coisas sinto muita saudade. Tinha, também, a festa de aniversário do IBGE, onde todos os funcionários e suas famílias eram convidados a participar. Havia discursos, missa e um grande lanche no final, para a confraternização geral. No Natal, então, era emocionante, porque você sentia que a direção do IBGE se preocupava não só com os funcionários, mas, também, com suas famílias. Nessa época o diretor mandava comprar brinquedos para todos os filhos de funcionários, que tivessem até 12 anos. Tinha uma grande festa, com *shows* de mágica e palhaços e havia até um funcionário que fazia o papel de Papai Noel. Durante trinta anos ele entregou presentes, primeiro para os meus filhos e depois para o meu neto, pois o meu filho, que é engenheiro, também trabalhou no IBGE.

## É o IBGE de hoje?

— Isso me dá tristeza. Não é mais a mesma coisa. A empresa cresceu muito, as pessoas já não se conhecem mais. Quando eu me aposentei a relação que eu tinha com os colegas não era mais a mesma, as confraternizações acabaram. E parece que cada pessoa passou a viver isolada no seu mundo.

## E como está a vida de aposentado?

— Olha, no começo eu senti muito, às vezes eu chorava, sentindo falta do meu trabalho. Quando eu me decidi aposentar estava basicamente pensando no meu relacionamento com a minha mulher. Estávamos ficando velhos e quase não tínhamos tempo para nós. Agora, aposentado, podemos viajar, visitar os filhos e os netos. Não me arrependo, mas sinto muita falta do trabalho. Por isso fico inventando coisas para fazer em casa — pequenos reparos e coisas de carpintaria. Aliás, estou pensando em fazer um curso de pintura em cerâmica. Adoro manter as mãos ocupadas e essa pintura me fascina. De resto vou tomando uma cervejinha com os amigos e torcendo pelo Botafogo.

**Yvonne e Paulo Sérgio: dois extremos que se tocam.  
Ela, a mais velha; ele, o mais jovem, concordam:**

# “O importante é ser feliz”

Fotos de Cristina Zappa



**D**ois rostos. Duas personagens. Duas histórias ibgeanas. Ela, Yvonne da Cunha Lima, tem 75 anos de idade. É a funcionária mais antiga do IBGE ainda em atividade. Trabalha na Casa faz 47 anos, atualmente na livraria, no prédio da Administração Central, no Rio. Ele, Paulo Sérgio da Silva Sanz, tem apenas 18 anos. É o mais jovem entre os nossos servidores e o que foi admitido mais recentemente, através da verba censitária. É programador, em Mangueira.

“Crescer é a minha maior ambição”, declara Paulo Sérgio, num tom que procura parecer confiante e seguro, mas que soa deliciosamente arrogante. Coisa tão típica dos jovens e que neles fica tão bem. Um jovem homem a falar sobre si e sobre a vida ainda com voz de menino. “Sou muito perfeccionista”; “Quero encontrar a realização profissional, porque acho que trabalhar só por dinheiro corrompe.”

Já Yvonne exprime, além de serena alegria, um certo orgulho por estar cumprindo bem seus 75 anos de vida e quase cinquenta de trabalho, sempre no IBGE.

“Veja bem, eu não faço plástica, nunca pintei os cabelos e, simplesmente, deixo as coisas acontecerem. Temos que aceitar a vida como ela é. Gosto muito do meu trabalho, sempre gostei. E o que espero agora da vida é cumprir com o meu dever até o final.”

Dois rostos. Duas personagens de gerações tão distintas que, no entanto, pontuam suas frases com expressões de mesmo sentido, uma delas repetida com eloquência: a importância de fazer do trabalho uma fonte permanente de satisfação, alegria e felicidade.



**“O que ficou, depois de 47 anos? Ih, tanta coisa! Os amigos queridos; a realização”**

**“Eu quero aprender o que puder aqui. Tenho 18 anos. Quero saber tudo”**

*O antigo Presidente do IBGE traça o perfil da Instituição no horizonte 2000*

# ISAAC KERSTENETZKY

## um "mestre" que vê longe e grande

*Entrevista a IRINEU GUIMARÃES*



Foto de Paulo Villas Boas

**C**onsiderado unanimemente pela comunidade acadêmica nacional como uma das maiores autoridades brasileiras no campo da Teoria Econômica, Isaac Kerstenetzky exerceu durante dez anos a Presidência do IBGE. Começou aceitando o cargo para um biênio apenas. Acabou ficando mais oito anos. Professor respeitado, membro obrigatório da maioria das bancas examinadoras das grandes universidades do País, Mestre Kerstenetzky tem como característica uma recusa a aparecer que chega a ser irritante. Principalmente quando se trata

de contato com a imprensa. Para conseguir esta entrevista, por exemplo, foi preciso, além da insistência quase insolente, a intervenção decisiva de gente mais íntima. E o Professor acabou se convencendo da importância de seu depoimento nesta edição de nossa revista que comemora o Jubileu de Ouro da Instituição que ele dirigiu durante tanto tempo. Por tudo isto, a equipe de NOVA IMAGEM lhe manifesta aqui seu agradecimento.

Tanto mais que, para a imensa maioria dos ibgeanos, Kerstenetzky é um nome venerado. Os membros

mais recentes da comunidade tiveram a prova irrefutável disto quando da posse do Professor Edmar Bacha, no ano passado. O Presidente que ia assumir fez questão de convidar o Professor Kerstenetzky para a cerimônia de investidura. Até hoje, os que estavam naquele dia em Mangueira ainda comentam a duração dos aplausos que explodiram quando se anunciou o nome do ex-Presidente.

**A** introdução pode parecer longa para uma entrevista. Mas era necessária. Primeiro, para bem situar o personagem. Depois, para medir o alcance de suas respostas e observações. O Professor Isaac é um homem que vê grande e longe. Por isso mesmo, a primeira pergunta que surge à mente do entrevistador, a mais óbvia, parece não ter muito cabimento. Que sentido teria, na realidade, para o Professor Kerstenetzky fazer um balanço da atuação do IBGE nestes seus cinqüenta anos de existência? Ele prefere situar desde logo a Instituição em função do que ela deve ser na perspectiva do horizonte 2000.

— Por sua própria vocação, o IBGE não pode ser um organismo estático. Trata-se, pelo contrário, de entidade exposta a desafios permanentes, que deverá estar equipada para respostas ágeis e adequadas. Por exemplo: a Instituição tem de se preparar para o aproveitamento de recursos de ponta da microeletrônica, para atender às demandas de informações da sociedade nacional neste fim de século. É claro que o público usuário vai exigir acesso cada vez mais rápido a dados que só o IBGE tem condições de produzir.

E o Professor faz questão de explicar com detalhes:

— Não se justifica mais a adoção de planos de tabulação extensos no processamento e divulgação de dados da Instituição. A orientação poderá ser no sentido de desenvolvimento de uma base de dados integrada e de fontes múltiplas, quando for o caso, e que permita acesso rápido e a custos mais baixos. Serão muito mais bem atendidos, desse modo, os interesses específicos dos

usuários internos e externos do sistema estatístico.

Isaac continua:

— Acredito também que, nos próximos anos, o IBGE possa vir a dispor de um cadastro adequado de empresas e estabelecimentos e outras instituições, que viabilize a extensa adoção de técnicas de amostragem. Isto terá por resultado substanciais economias de recursos e tempo de produção.

O antigo Presidente do IBGE tem perfeita consciência daquilo que está dizendo. E faz uma referência pertinente às potencialidades da Instituição:

— Para uso eficiente das enormes possibilidades de novas técnicas em áreas como a informática e o sensoriamento remoto, por exemplo, os recursos humanos da Instituição certamente continuarão a merecer especial atenção. Serão ampliadas as oportunidades de especialização e aperfeiçoamento no País e no exterior. Prevalecerá o critério de competência, tanto no recrutamento como na progressão interna do pessoal, como ingredientes fundamentais do processo de modernização.

E aí estão definidas, com clareza e rapidez, as linhas de um IBGE apto a responder aos desafios da missão que o País lhe confia para este fim de milênio. A pergunta, um tanto mal formulada, convidava o Professor a traçar um perfil imaginário de um IBGE ideal. Isaac evitou o vazio e partiu para a descrição de uma Instituição que ele conhece bem, acentuando-lhe a capacidade de aperfeiçoamento e referindo os rumos a tomar. Elegante, ele acrescenta logo a seguir:

— Tudo indica, aliás, que é exatamente esta a orientação da atual administração.

Como se tivesse esquecido de propósito um ponto que deseja enfatizar, ele volta, para mostrar uma das iniciativas práticas que o IBGE poderia tomar desde agora, por conta deste dinamismo de sua vocação.

— O sistema de Contas Nacionais, por exemplo, não deve conti-

nuar seguindo velhos modelos. Uma instituição como o IBGE tem de adotar um sistema de "Contabilidade Social Integrada". Produto Interno Bruto, Matrizes de Relações Intersetoriais, Matrizes de Contabilidade Social, tudo isto tem de ser submetido a um projeto integrado que consiga definir, com mais exatidão e mais facilidade, a estrutura econômica e social do País. Não se trata, aliás, de novidade maior. Já no século XVII o inglês Gregory King defendia este ponto de vista. E é esta a orientação dos sistemas estatísticos mais adiantados.

O especialista de Teoria Econômica não podia se esconder durante mais tempo. E Kerstenetzky prossegue:

— Caberá, além disso, ao IBGE continuar a evitar e erradicar duplicação, tanto ao nível de obtenção de informações primárias como ao de produção de diferentes estatísticas, especialmente quando se tratar de crise de recursos governamentais.

E acrescenta:

— Os próximos anos tornarão cada vez mais vitais pesquisas domiciliares de objetivos múltiplos, com a preocupação de mensurar de modo adequado e monitorar a eliminação de carências básicas da população.

O Professor tem um gesto quase de piedosa condescendência quando faz alusão às dificuldades de conceitos aparentemente sofisticados, bem como à multiplicidade de órgãos produtores de índices. Tudo isto poderia acabar provocando confusão no público. Para ele, nada impede que esta multiplicidade continue. Pelo contrário. Isto pode até ser um fator de enriquecimento, por comparabilidade. O essencial é que, na hora das explicações, haja transparência. A alusão sutil ao termo-chave da atual administração leva o economista a uma segunda demonstração de fina elegância:

— Aliás, sei que o Professor Bacha busca esta transparência a ponto de submeter os índices à discussão de representantes de entidades sindicais e de outros segmentos da sociedade nacional não sujeitos ao IBGE...

O Mestre de Teoria Econômica demonstra uma extraordinária habilidade para fugir às perguntas aparentemente mais embaraçosas. Mas, de repente, o repórter sente a impressão de ter conseguido acuá-lo. O IBGE foi fundado durante o regime autoritário de Getúlio Vargas, que queria por fim a força impor seu poder sobre um território nacional unificado, bem definido, e sobre uma população bem contada. Houve, à época, quem formulasse suspeitas graves contra um saber estatístico e um saber geográfico que aceitava trabalhar diretamente ligado aos interesses do Poder. Decididamente, Kerstenetzky sabe evitar as armadilhas. E a resposta sai rápida:

— De fato, houve esta crítica. Mas, num país de dimensões continentais como o Brasil, seria talvez muito menos proveitoso para a ciência manter em regime de separação estanque os trabalhos da Estatística e da Geografia restritos à Universidade. De qualquer maneira, os ganhos parecem hoje bem maiores que as perdas, quando se sabe que a dimensão espaço permeia todos os grandes problemas do País. O IBGE foi, ao longo de toda a sua existência, centro de sustentação da pesquisa geográfica brasileira.

Convidado a se dirigir diretamente aos membros de uma comunidade que ele se confessa desvanecido por ter comandado durante dez anos consecutivos, o ex-Presidente diz que só tem lembranças boas e que até hoje se sente gratificado com as demonstrações de amizade e abnegação que recebeu dentro do IBGE.

Economista de elite, cultor da música clássica, Isaac Kerstenetzky é carioca de Vila Isabel e também sabe, na hora oportuna, apreciar Noel Rosa e certas tendências espirituosas do temperamento carioca. E este lado carioca aparece quando, após a confissão, ele tenta esconder o rastro de emoção que se acendeu em seu sorriso sovino, acrescentando logo, para terminar:

— Mas os cínicos diriam que pode ser até um efeito da memória seletiva: a gente só se lembra do que foi bom...

**Vida de secretária  
não é brincadeira.  
Que o diga  
Dona Salete,  
Secretária da  
Chefia de  
Gabinete.**



**No serviço odontológico,  
a hora difícil  
da dor de dentes.**



# Flagrantes da Casa e das gentes

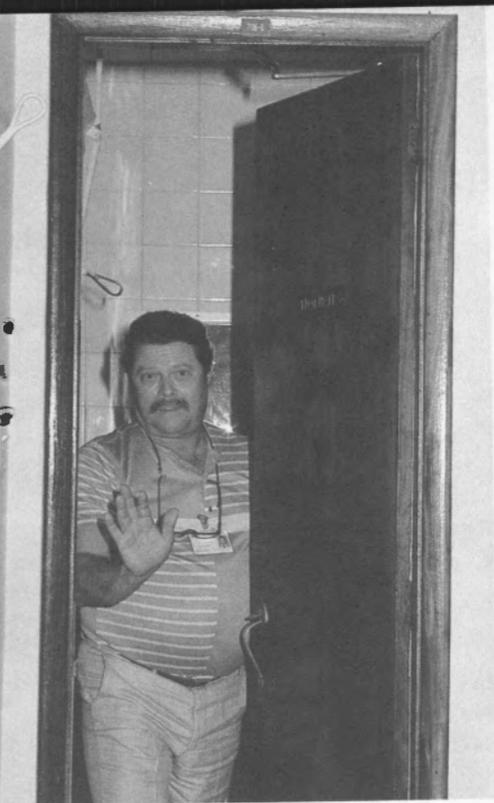
Fotos de Cristina Zappa

Quando  
a máquina  
fotográfica  
surpreende  
até o  
próprio  
fotógrafo  
e enxerga  
inesperados

**Seu Antônio,  
na batalha. São 38  
anos de marcenaria.  
Trinta e cinco  
só nas tábuas e  
pregos do IBGE.**



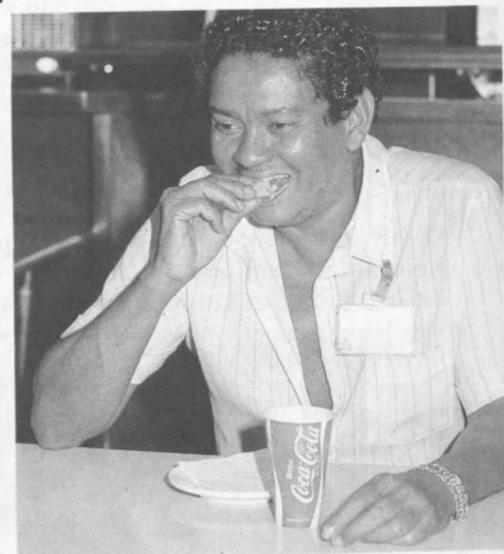
São fotos tomadas em ocasiões as mais diversas, sob motivações diferentes. Mas ao juntá-las a mágica acontece. E a gente se vê diante de um ensaio fotográfico sobre o nosso viver de trabalhadores.



“AP”, nosso caro Antônio Pedro, ficou meio sem graça: “Mas vocês me pegam logo saindo do banheiro? Ainda se fosse comendo uma cocadinha”.



A hora sagrada do comer e do beber.



O momento nobre e abençoado de entornar a cerveja gelada.



A farinha dos motoristas: João da Linha, Neném, Espaguete, Cabeção, Lilico, Urubulino, Bolinha e Farol da Barra. Acham engraçadíssimo botar apelido uns nos outros.





Foto de Paulo Villas Boas

**Atenção, gente, que o problema é sério.  
Dr. Aluísio e Patrícia Furst  
passam horas do dia  
explicando as novidades econômicas.**

**O alívio de conseguir todas as explicações,  
bem detalhadinhas, no Centro  
de Informações sobre o Pacote, no Rio.**

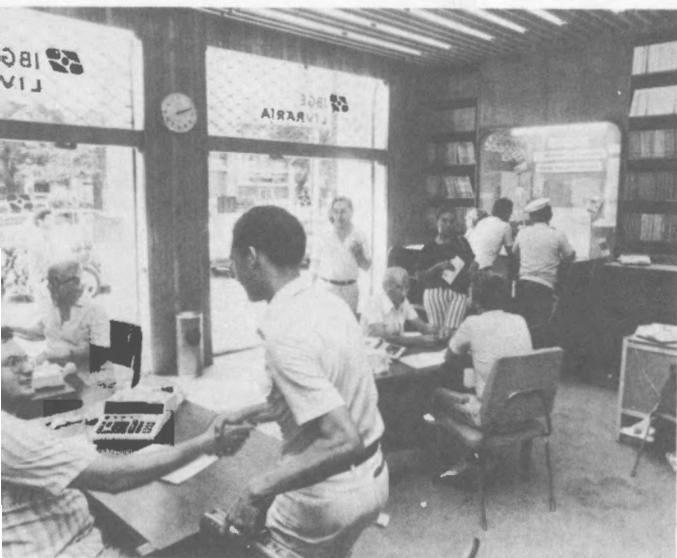


Foto de Cristina Zappa

**O agente,  
no árduo trabalho  
de coleta de  
preços.**



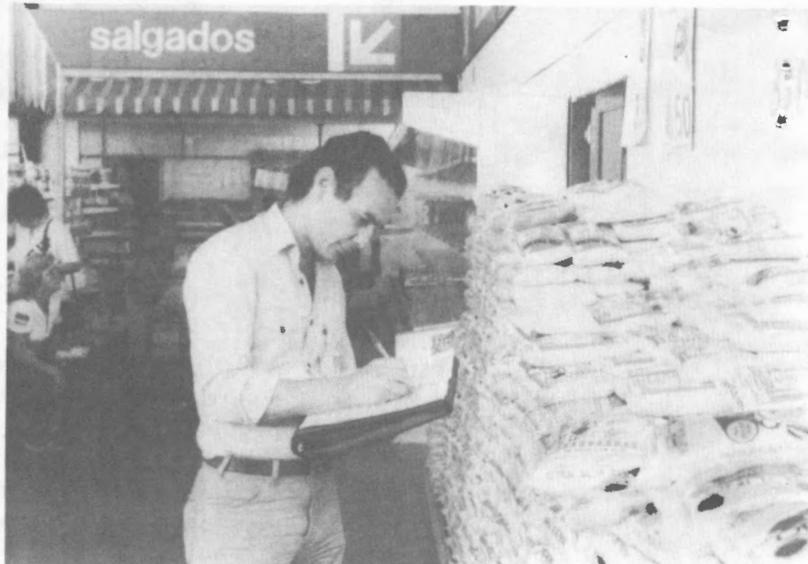
Foto de Paulo Villas Boas

**A alegria das crianças e o cuidado das  
“tias”, na creche do  
IBGE, na Mangueira.**

**Erlete,  
do Paraná: atrás das  
grades,  
mas sem estar presa,  
ela, com essa  
expressão sonhadora,  
sonhará com quê?**



Foto de Paulo Villas Boas



O que há de mágico na fotografia é que ela consegue roubar um momento da eternidade e fixá-lo em flagrante. Que o próprio tempo se encarrega de transformar em história.

A objetiva dos nossos fotógrafos — profissionais ou não — registra, não raras vezes, momentos muito curiosos, ou interessantes, ou românticos, de explosiva alegria ou de profunda concentração, que acabam conseguindo compor, no seu conjunto, como que uma síntese do nosso viver ibgeano. Afinal, passamos aqui no IBGE nada menos que um terço do nosso dia. Muitas vezes até muito mais que isso.

Além do que a Instituição, seus assuntos, suas pessoas nos acompanham para fora das dependências de trabalho. Foto é um negócio meio

**Quem disse  
que o companheiro  
Marcus Vinicius  
não gosta  
de um chopinho?**

**No rosto  
de Solange Mary,  
lá do Paraná,  
a doce  
expressão de quem  
está feliz porque  
espera.**

mágico, coisa de feiticeiro, a roubar e fixar uma fração de eternidade. E então, olha aí a gente apanhado desprevenido na hora da zanga ou do beijo; do riso inocente ou da raiva sem jeito; na intimidade do papo a dois; no gostoso momento de morder o sanduíche tão cobiçado; no sobressalto do dentista; na creche, cuidando das crianças. Uma infinidade de flagrantes apenas sugeridos pelos poucos que aqui publicamos. Daqui a mais cinqüenta anos alguém há de se reconhecer numa dessas fotos. E reviverá um instante perdido no tempo, que as câmeras dos nossos fotógrafos fizeram virar história, neste número histórico.

# Flagrantes

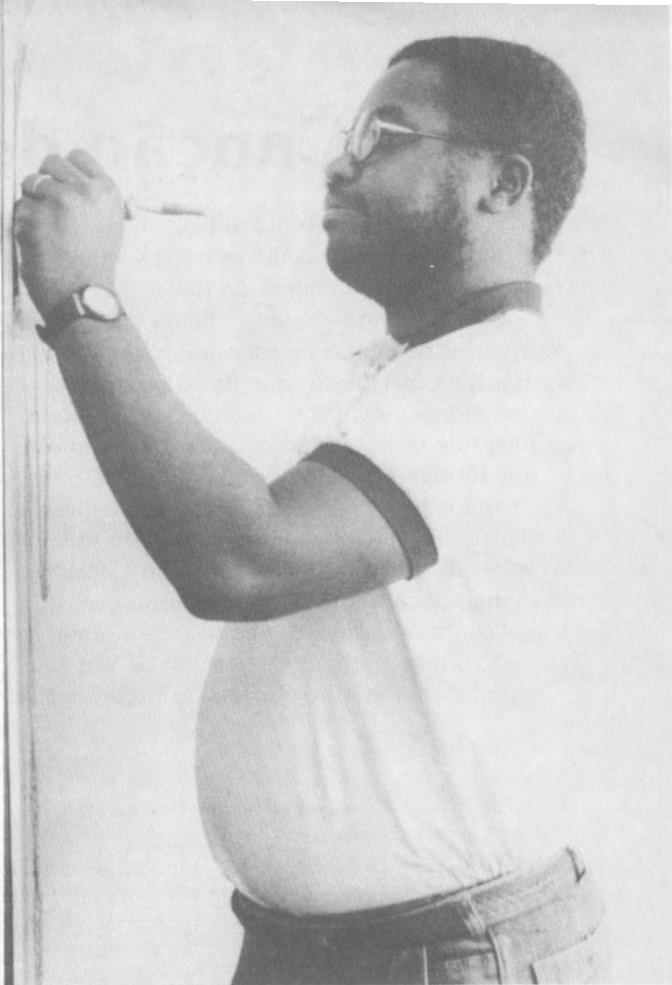


Foto de Paulo Villas Boas



# Canção do Ibgeano

Nós temos também o nosso hino. Que, como todos os hinos, exalta as nossas virtudes e conclama ao cumprimento do dever. Os versos do nosso hino — que se chama *Canção do Ibgeano* — passam o entusiasmo de uma figura histórica na Instituição, que daqui só se afastou ao morrer, em 1964: Jayme de Figueiredo, amigo de Giorgio Mortara e de todos aqueles que formaram a linha de frente do IBGE nos tempos heróicos da implantação. Jayme de Figueiredo, que chegou a receber um prêmio especial, conferido pela Comissão Censitária Nacional, dada a força do entusiasmo com que participou do primeiro grande recenseamento nacional, em 40, é autor de um livro importantíssimo e hoje muito raro. O nome é

*Coisas que Acontecem num Recenseamento*, uma coletânea de fatos, impressões e comentários sobre os trabalhos censitários de 1940. Na letra, Jayme de Figueiredo traçou o perfil do ibgeano conforme os padrões de amor e dedicação ao trabalho; de desprendimento e um certo toque de aventura que ajudam a compor a idéia tão cara, principalmente aos fundadores da “mística ibgeana”. Herança de um tempo em que os ibgeanos, particularmente o pessoal de campo, saíam por aí, sob condições não raro precaríssimas para, como bandeirantes modernos, redescobrir o Brasil e estabelecer as suas fronteiras. Um hino de versos candentes, a ser lembrado no entusiasmo festivo do Cinquentenário.

AUTORIA DE JAYME DE FIGUEIREDO

Musical score for the first part of the song. It features a piano accompaniment and a vocal line. The piano part starts with a treble clef and a 2/4 time signature. The vocal line is marked 'Canto' and begins with a 'Cantiga' section. The score includes various musical notations such as notes, rests, and dynamic markings.

Musical score for the second part of the song. It continues the piano accompaniment and vocal line. The piano part includes a 'Cim' section. The vocal line continues with various musical notations. The score concludes with a final cadence marked 'A'.

*Ibgeano, alerta!  
De pé pelo Brasil  
Com a mente bem desperta  
Com flama varonil*

} Estribilho  
(bis)

*Ibgeanos nós somos unidos  
Cultuamos a sã Fraternidade!  
Desde o mar aos rincões mais perdidos  
Nos congrega uma estreita amizade.  
Temos fibra de bons pioneiros.  
Ante nós toda a Pátria se descerra,  
Sempre fomos leais companheiros,  
No trabalho e no amor a nossa Terra!*

*Brasileiros nós somos fiéis,  
Nós formamos um exército civil,*

*Nossos órgãos são como quartéis,  
Vigiando o porvir do Brasil!  
Não há mata, cidade ou sertão  
Onde nós não tenhamos nossa gente,  
Onde impera o auriverde pendão  
Um dos nossos é certo estar presente!*

*Repelimos o Erro e a Mentira,  
O Brasil nos compete retratar,  
Não importa a verdade a quem fira,  
Indicamos o rumo a trilhar.  
Auscultamos a marcha da História,  
Pesquisando sem trêguas a Verdade;  
Nosso anseio maior, nossa Glória,  
É trazer ao Brasil Felicidade!*